FON FON
ANNO XXV — N.º 1
Rio, 3 de Janeiro de 1931
PREÇO: 1$000
OROZIO BELEM

Tambem eu!

—Como sou costureira estou acostumada, em tudo na vida, a **não dar ponto sem nó.** As minhas cautelas são, porém, muito maiores nas cousas em que estão em jogo a minha saude, que é o unico patrimonio das moças pobres e... casadoiras.

...Por isso nem minha mãe, nem minhas irmãsinhas nem eu, tomamos para qualquer dôr, nada que não seja a admiravel

CAFIASPIRINA

Algumas vezes já tem acontecido offerecerem-me outras cousas, com o engodo de que custam menos... como se a CAFIASPIRINA não estivesse ao alcance de todas as bolsas e eu fôra tão tola de arriscar a nossa saude para poupar-me uns miseraveis nickeis!

Muitos annos de experiencia o tem provado sobeiamen...

TODO o mundo tem esta mesma confiança cega na CAFIASPIRINA, porque nada mais seguro para dores de cabeça, dos dentes e dos ouvidos; nevralgias, enxaquecas, colicas das senhoras, consequencias dos excessos das bebidas alcoolicas, etc. Allivia rapidamente, levanta as forças e regulariza a circulação do sangue.

Exija sempre a **Cruz Bayer.**

"Christmas-Day!" Londres! Grosvenor Square!

Vigilia ennevoada! Muito cedo ainda! Vinte e uma horas apenas! Lord Bardley acabara de jantar.

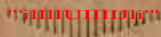
Recostado em poltrona de couro "repoussé" antigo, na sinistra, entre o pollegar e o indicador, o cachimbo inseparavel, o velho fidalgo acariciava, fleugmaticamente, as barbas brancas. Olhos cerrados, via em derredor um bando garrulo de jovenzinhas, vestidos longos, cinturas apertadinhas, chapéos de largas abas... As namoradas de outróra!... Sonhando!...

Hoje... tudo passára! Os amores, as alegrias, as moças louras, as morenas! As lindas moças de seu tempo! Que elevada admiração, que bonito conceito formava Lord Bardley das mulheres! Para elle eram santas todas ellas! Mesmo aquellas que... Lord Bardley afasta do pensamento, as frivolas e as demais!... As mulheres!... Descerrou as palpebras! A cinza fria do cachimbo cahira em sua "robe de chambre" como uma lembrança morta! Só, no casarão immenso! Só! que só elle fôra sempre em seu intimo! Não conhecera mãe nem tivera noiva! E a fallecida Lady Bardley, linda e joven, dezesete annos, sorria lá na tela, toda de branco, no fulgor do dia de suas nupcias, para o filho! Ella, unicamente ella, viera vel-o no dia de seu anniversario! E, no emtanto, por sua causa, um dia!... O velho lord chorava.

O Natal, que é um dia alegre para todos, era uma lembrança amarga para elle!... Havia sessenta e tres annos, numa noite assim, Nossa Senhora trouxera á formosa Lady Bardley, um "baby" rosado e encantador, o herdeiro de Lord Bardley! Mas, na mesma noite, ella deixára o mundo, legando ao joven esposo o precioso thesouro que lhe custára a vida. Lord Bradley, que amava profundamente a formosa companheira, apaixonou-se de tal modo com a morte, que, ficando viuvo aos dezenove annos, não mais pensou em contrahir novo matrimonio, não mais pensou em um novo amor. Vida, gloria, mocidade, dedicara ao filho. E o pequeno lord crescera e se educara em uma atmosphera de luxo e satisfações. Aos vinte annos, tendo o lord viuvo ido reunir-se á sua inesquecivel morta, Lord Lawrence Bardley tornara-se senhor de consideravel fortuna, a par da riqueza de seu sorriso encantador! Então, quiz conhecer o mundo e os prazeres! Viajou e zombou de todos os carinhos. Nunca amou verdadeiramente a nenhuma mulher, ou por outra, tinha por ellas um culto profundamente religioso.

Era querido, era invejado, enfunado pelas brisas da adulação. Mas

A BONECA DE TRAPOS

De
Dilke Barbosa Rodrigues

a sua unica adoração na vida era sua mãe. Como filho, era um exemplo edificante.

Comprehendia enormemente a gratidão que todos devem a sua mãe. Era esse, pensava elle, o verdadeiro amor dos homens. E, apesar dos labios que lhe offereciam as mulheres loucas, elle sabia conter-se e as respeitava com mais dignidade que ellas realmente mereciam.

Quiz amar, um dia, mas não poude. A noiva, que o destino lhe apresentara era a copia fiel daquella que lhe sorria, agora, naquella tela, sagrada para elle: Lady Bardley! E a lembrança triste de seu nascimento surgindo sempre em seu pensamento, horrorizava-o a idéa do casamento.

E elle partiu covardemente para as Indias. A falta de normas de carinhos, que só uma mãe póde dar, afugentava-lhe a inclinação santa do matrimonio.

Cinco annos nas colonias do Imperio Britannico! O mysterio das florestas. Caçadas magnificas, distracções diversas, ouris, nada o suffocava no seu ideal, longe da opulenta Londres. Um dia, o tédio chegou. E o palacio da Grosvenor Square illuminou-se novamente. Festas, flores, brilhos, amigos, formidaveis farras... Beijos, amores... Annos infindaveis de prazeres.

Mas tudo tem seu termo... Hoje, havia cinco annos já, rheumatico e fatigado, o velho lord, abandonado e triste, passava assim as doces noites de Jesus. E o palacete grandioso e velho era mais triste que quatro paredes cobertas de palha, onde existe uma familia! O millionario sem parentes e de quem a velhice, os achaques afastaram os proprios amigos, era como uma sombra em seu palacio, onde unicamente outras sombras havia — os criados graves. O cachimbo apagado repousava, agora, no cinzeiro. Os carrilhões soavam os hymnos biblicos do Natal. As pernas tropegas do velho agitaram-se sem dores. A sciatica parecia ter cessado. O bimbalhar do Natal parecia ter trazido nova vida ao velhinho. Sorrindo, elle soou os tympanos.

O servo logo acorreu. Que o preparasse. Ia sahir. O mordomo, obediente, cumpria ordens, si bem que julgasse um pouco transtornado o espirito do velho amo. Sahir assim doente, com um tempo daquelles!? Emfim, seu amo era seu amo!

E um lord não acceita admoestações de um inferior.

Calou-se, portanto, comsigo mesmo.

Momentos após, mais afoito, o velho lord seguia a pé pelas ruas aristocraticas de Londres. E, assim, meio louco, nem sentia os flocos da neve que lhe cahiam em cima.

Os sinos continuavam a badalar. Lord Bardley estava longe. O bairro pobre sentia, agora, o peso de oiro das pégadas do millionario. Passava da meia noite. E elle não via ninguem a quem pudesse favorecer. E assim como um doce "Papá Noel", ia deixando, sob as portas cerradas, muitas e muitas moedas de oiro... Que alegre elle estava, agora! Que despertar feliz teriam os pobres dessa madrugada. E por fazer a felicidade alheia, o misero millionario sentia-se venturoso, regressando a seu palacio.

Que era aquillo, santo Deus? Sobre um degráo da fidalga escadaria de marmore, um achado estranho repousava. Tocou-lhe. Uma linda menina, quatro annos, si tanto, os cachos loiros sobre os hombros, toda em farrapos, despertou, choramingando. E elle, paternalmente, enlevado, segurou-a ao collo. Que sensação esplendida sentiu! Como era bom ter nos braços uma criancinha! E ella, tacteando nas trevas, agarrou-o pelo pescoço, a soluçar... a soluçar... E dizendo:

— Papae, como tardaste! Deixaste-me ha tanto tempo! Mas tu vieste! Que bom! Tu me cobrirás com o teu casaco! A senhora Flory, com quem tu me deixaste, não me quer mais. Ella mandou-me, como sempre, pedir dinheiro. Andei e pedi muito, mas ninguem m'o quiz dar. Voltei á casa com muita fome. Ella bateu-me e disse que era melhor que a mamãezinha, que foi para o céo, me tivesse levado com ella... [illegible] era melhor, sim, e [illegible] por que não me quiz levar a mamãe. A senhora Flory disse, tambem, que o papae era um vagabundo. Eu me zanguei e mor-

di a sua mão, que me arrancava os cachimbos. Ella, então, lançou-me na neve e fechou a porta. E eu vim andando com muito frio, sem um pedacinho de pão para comer, dormir aqui na escada desta casa bonita... Leva-me comtigo, papae, que eu não posso mais andar e os donos poderão apparecer e mandar-me para fóra daqui. Oh! papae, não me deixes mais!

E, beijando as barbas ensopadas de lagrimas do velho lord, a pequenita ainda chorava:

— Papae! Papae, eu não vejo! Leva-me no teu collo! Tenho frio, muito frio, meu papaezinho!...

E aquelle homem, que desprezou amores, sentiu, naquelle "papaezinho", dulçor melhor que todos os beijos de amor de sua mocidade. "Papaezinho"... Todo um mundo de ternura desfeito naquella palavra! E, contemplando a bonequinha de trapos, o velho lord beijava-lhe os cabellos misturados de neve...

Levou-a, então, para o seu leito de pennas, macio e morno. Perto, a lareira crepitava. A pequenina creatura queria ver aquelle deslumbramento todo, mas uma visão alada, branca como a sua alma, vinha bus-

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

cal-a para o natal entre os amiguinhos, lá no azul. Seus olhos de purissimos "pervenches" tentavam inutilmente distinguir o seu "paezinho", aquelle que lhe dera o primeiro e ultimo confôrto na vida!

— Vem cá, papae! Aqui está tão quentinho! Sabes, papae? A mamãe está me chamando... Vou-me embora com ella; assim a senhora Flory não mais me baterá. Dá-me um beijinho! Como estás frio! A tua mão na minha fonte!... Deixa-a assim, papae, que o frio vae passar!

O velho beijava-a, beijava-a como si o ultimo halito de primavera que lhe restava nalma pudesse trazer a vida á pequenita.

— Dorme, "filhinha", dorme, que o teu "paezinho" não te abandonará mais...

A criança estremeceu, um pouco. Depois, tudo socegou. O anjo das alvuras deixara o mundo, levando a boneca de trapos.

A noite ia alta.

Uma amargura immensa pesava na alma de Lord Bardley. Contemplando a pequenita morta, as [la]grimas desciam-lhe pelas faces [pal]lidas. Seu coração, que fôra m[au,] fôra bom, fôra rico, fôra tam[bem] insensato! Que existencia inuti[l a] sua! Sem lar, sem familia! [E] hoje, Deus lhe dera um mom[ento] de ventura passageira, mas su[bli]me! E elle fizera alguma coisa, [a]fim, no mundo. Fizera! Dera [um] ninho de plumas a uma cria[nça] agonizante! E que recompensa [ti]vera! Um inesquecivel instante [de] amor! Um ser puro o amara [um] minuto. Que importa fosse me[smo] por engano? Elle sentira a illu[são] sublime de ser pae! Somente, a[go]ra, achara um enlevo na vi[da.] Ephemero, tão ephemero, infe[liz]mente! Oh! si ella vivesse, se[ria] rica, muito rica, seria a sua h[er]deira. Pobre bonequinha de tra[pos] abandonada pelo pae, sem mãe [que] a acalentasse no seu seio morn[o.] Sem mãe! Que infeliz! Que inf[eli]zes: o millionario e a pequeni[ta.] Tão pobre um quanto o outro!

Ah! A bonequinha de trapos [en]contrara, afinal, um companhe[iro] na vida — um boneco de farra[pos] das chimeras do mundo: o cora[ção] de Lord Bardley...

SOL

De Gilberto Veiga

EXISTEM dias felizes na nossa vida, para os quaes não temos uma definição precisa. Nem podemos dizer ao certo donde provém a felicidade que os emmoldura. Sentimo-nos alegres e, si alguem nos perguntasse o porque dessa alegria, responderiamos: "Não sei".

Sinto-me hoje nessa phase boa. E, como isso é raro na minha vida, como a tristeza tem em mim um fervoroso devoto, como admiro a melancolia e as suas côres lilazes, na falta de um motivo que justifique o meu actual estado de espirito, dou causa ao sol rutilante de dezembro, que principia num domingo memoravel.

Pela janella do meu quarto, um feixe de raios penetra suavemente, coado pela veneziana.

Lá fóra, a vida estúa dentro da propria vida. Os mercadores abulantes dão-me uma idéa de que apregôam luzes doiradas e matizes cambiantes. Os garotos disputam, na rua, uma partida de "football" improvizada, fazendo algazarra, apitando, animados e lépidos, todos como que sentindo a mesma alegria que me domina, o mesmo prazer que me assalta e a mesma onda de luz que me arrebata. Chego a sentir-me prejudicado com o riso que paira nos labios alheios. Egoismo?... Não. Raridade no estado de espirito que me assoberba. Indifferença á dôr, extase da alma. Alheiamento á vida material e ás suas difficuldades. Emoção forte do espirito embriagado de luz e repleto de optimismo.

No céo, profundamente azul, diaphano, sem uma nuvem, o sol, rútilo e fecundo, palpitante e bom, vae correndo sem tropeço, firme, banhando a terra toda com os seus raios de oiro fulvo, num desperdicio miraculoso...

A cidade resplandesce, nesta manhã radiosa, com a sua casaria immensa rebrilhando, com a amargura banida das faces pallidas que antevejo, com o seu movimento mais burguez, e, por isso mesmo, mais jovial.

Deus, infinitamente bom, immaculadamente pu[ro,] parece estar suspenso na onda maravilhosa dos ca[ri]ciosos raios solares, inundando, com suavissima p[u]reza, os corações na terra.

Tenho a impressão sadia de que, numa manhã ch[eia] de fulgor e claridade como a de hoje, todo espirito ba[ixa] para longe, para as trevas do esquecimento, as magu[as,] as desillusões e as desesperanças, sonhando com u[m] porvir roseo e sentindo, latente, magestosamente gran[de,] a alegria de viver, no que a existencia tem de ma[is] sublime, sadio e perfeito.

Não me parece plausivel ser-se triste quando a N[a]tureza, festivamente, canta hymnos de gloria ao S[u]premo Creador. Não me parece concebivel aninhar-[se] a tristeza, o pessimismo, o mal ao proximo, quando u[m] sol, bemfazejo e amigo, se infiltra na nossa alma, to[r]nando-a risonha e pura.

Si os dias fossem sempre extravasantes de cast[a] claridade e de doirada volupia como esta manhã fr[es]ca, a vida, por si só, cheia de multiplos desenganos [e] de infindos vae-e-vens, não seria olhada com tanto t[er]ror pela maioria da humanidade que soffre. O b[em] operaria mais suavemente, a cordialidade se estreita[r]ia com mais facilidade, a sinceridade seria retribui[da] em maior grão. Haveria maior ardor e menos hyp[o]crisia.

Somente os dias tristes, obumbrados, cheios de ne[v]voas nos céos e incertezas na terra, trazem, aos cor[a]ções menos viris, o grande desalento, o pouco enth[u]siasmo pela vida e sua finalidade, oriundos de um c[éo] pardo, macilento, descorado, causa muitas vezes d[os] grandes fracassos, das grandes tragedias e dos e[x]tremos sacrificios de coisas e de seres.

Bemdito sejas tu, oh sol!, que nasces para todos, s[y]zonando frutos, purificando os espiritos e creand[o,] harmonizando, os sons e a Natureza, fecundando vi[da] e irradiando alegria!

A Desforra do Fakir

QUANDO um homem perde a primeira mulher, principalmente um homem como Fausto Ribeiro, moço e rico, parece, não é lá muito ruim...

Uma nova existencia se lhe depara e eis que a liberdade do tempo de solteiro volta, desta vez, porém, uma liberdade mais apreciavel e mais gozada, porque, quando solteiro, todo homem aspir aa um lar, sem se lembrar de que esse lar, na maior parte das vezes augurado feliz, pode ser, tambem, demasiadamente infeliz; e quando esse homem se torna viuvo, quando já conhece as desgraças ou as bondades do matrimonio, e viuvo sem filhos, como, ainda, o Fausto, então toda a vida lhe sorri outra vez e elle pode gozar muito mais á vontade a sua nova liberdade, com a circumstancia de que é, já, um homem experimentado, e eu penso que, feliz ou infeliz com o casamento, o homem que perder a mulher não deve, de fórma nenhuma, sacrificar-se pela segunda vez.

Fausto Ribeiro vivia no fausto mesmo. Era um rapagão alto e robusto; as "notas" viviam nos seus bolsos e uma verdadeira legião de mulheres lindas o cercava, todas na esperança de "liquidarem" o rapaz pela segunda vez. Mas elle, desta vez, com experiencia propria (não se me dá saber tenha elle sido feliz ou infeliz com o seu primeiro matrimonio), olhava-as, sim, mas como simples amigas, creaturas que lhe proporcionavam prazeres. Somente. A's vezes, valendo-me da nossa velha camaradagem, quando eu ia a sua casa, um bello palacete de luxo asiatico, confidencialmente, lhe perguntava se queria casar de novo. Ao que o Fausto, com o seu bom humor de sempre, me respondia, esboçando um sorriso:

— Meu amigo, casar é bom; não casar... é melhor.

E eu me curvava ante o conceito de Fausto, porque pensava absolutamente com elle.

* * *

Um dia, recebi um recado de Fausto Ribeiro. Que fosse á sua casa, ás oito da noite. Aguardava-me uma surpresa. Cheguei ao seu palacete exactamente ás sete e meia. Elle estava repleto de amigos e amigas de Fausto. Ao ver-me, o rapaz correu ao meu encontro e foi dizendo:

— Sabes? Mandei chamar-te, porque vou dar hoje em nossa casa um espectaculo soberbo. Imagina que um famoso fakir, juntamente com sua mulher...

— Linda, ella? — interrompi.

— ... Não a conheço ainda... Imagina que elle levará a effeito os seus mais sensacionaes numeros. E como sei que gostas muito dos trabalhos dos fakires, quiz proporcionar-te alguns minutos de emoção e prazer.

— E eu muito te agradeço a lembrança.

* * *

O fakir e a mulher não tardaram. Ella era uma mulher nutrida e bella, de tez bronzeada.

Quando o fakir, um sujeito magro, de barbas pretas e ponteagudas, muito moreno, de olhar penetrante, apresentou sua mulher a Fausto, ambos trocaram olhares apaixonados, voluptuosos, completamente despercebidos das demais pessôas. Emfim, ás oito em ponto, o fakir, trajando umas calças á altura dos joelhos e com umas meias felpudas, á semelhança de meias de "football", camisa de seda sem abertura, com um pequeno barrete tambem de seda na pequena cabeça, e a mulher, um vestido de crepe setim negro bordado a lantejoulas, que resplandeciam, deram inicio aos trabalhos. A mulher ia annunciando os numeros, em pessimo portuguez, e o marido executando-os. Fausto não prestava attenção a coisa alguma. Seus olhos, cubiçosos, cravaram-se na indiana. Vez por outra, ella, como que se esquecendo da sua missão, lançava a Fausto os relampagos dos seus olhos negros, que provocavam estremecimentos no rapaz. Sei que o fakir ingerira vidros, pregos, se deitára sobre espetos, etc., porque m'o disseram depois. Porque m'o disseram, sim. Eu, desde a chegada de ambos, não desviei mais meus olhos da indiana e de Fausto. Interessavam-me aquelles olhares significativos. E eu gozava a delicia de ser o unico, entre as pessôas presentes, que os notava.

* * *

Depois do espectaculo, ceámos. Fausto sentou-se á mesa á direita da mulher do fakir e eu á esquerda. O fakir, respondendo ás interpellações das demais pessôas, não reparava na conversação baixinha da mulher com o dono da casa. E as outras pessôas, tambem, nada notavam. Somente eu, sim, somente eu! Dir-se-ia ter á mulher, talvez abusando de alguma força hypnotica, alheiado todos. E eu, como uma excepção, não ter cedido sua força. A's tantas noite, retirámo-nos. E fakir lá se foi com a s esplendida mulher. despedida, eu ainda no perfeitamente ter Fau to Ribeiro levado ba tante tempo com a m roliça e morena, da m lher presa á sua.

* * *

No dia seguinte, pe manhã, todos os jorna noticiaram os assassini mysteriosos de Faus Ribeiro e da mulher fakir. Refeito do aba que me produzira tal le tura, vesti-me ás pressa e corri á casa do me desventurado amigo. Ell lá estava, na sala de v sitas, no seu esquife d velludo negro com alça e bordados de prata.

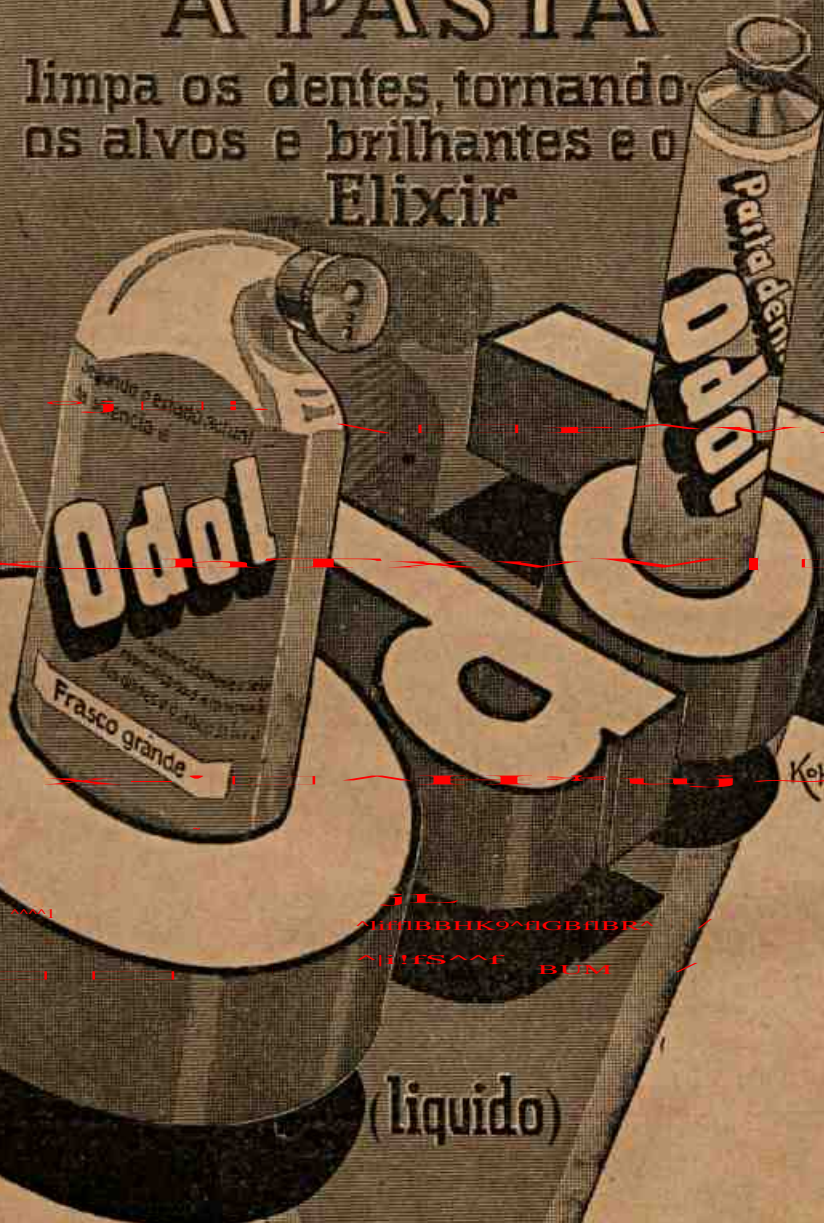
No peito esquerdo, bei sobre o coração, o peitilh da camisa ainda estav manchado de sangue qu jorrara da ferida. Mas u sangue esquisito, porqu a arma de que se servir o assassino, segundo exame dos medicos legis tas da policia, fôra enve nenada com um liquid existente na India. Natu ralmente fôra o fakir, qu desapparecera mysterio samente, quem os matára Porque os dois ferimen tos eram identicos.

* * *

Dois dias depois, eu recebia uma carta. O portuguez, quasi inintelligivel, dizia, mais ou menos, o seguinte:

"Somente tu apreciaste o idyllio entre a excommungada da minha mulher e o infame Fausto Ribeiro. Somente tu apreciaste — e eu tambem. Mas olha: mulher de fakir ha de ser séria e respeitada. Toma a lição!"

A carta era do fakir Não fôra eu, pois, o unico que percebera o que houve entre o infeliz Fausto e a mulher do fakir. Este tambem, com os seus olhos penetrantes vira tudo — e fizera que não vira.

NELSON NOGUEIRA PINTO

completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo halito e evita as pedras.

AS SUBSTITUTAS

Georges de Lys

ILLUSTRAÇÕES DE PAULO WERNECK

EU acompanhava o meu velho amigo D. Servan, quando, em pleno campo, uma *panne* nos immobilizou. Emquanto o *chauffeur* se esforçava para reparar o incidente, nós faziamos os cem passos sobre a estrada, deante uma villa enguirlandada de glycinias e de rosas.

Da avenida, desembocaram uma senhora e duas jovens. Ellas se approximaram. Servan sobresaltou-se. Descobriu-se e cumprimentou profundamente.

Vendo o doutor, a senhora avançou, com as mãos estendidas:

— Meu caro sr.

Elle respondeu calorosamente á offerta gentil; depois, o seu olhar se dirigiu para as duas jovens.

— São ellas, não é?

Ella inclinou a fronte:

— Sim, — disse ella — minhas filhas... Desculpe-nos... O primeiro chamado para a missa já soou. E eu lamento não poder offerecer-lhe a nossa casa para descançar.

— Eu não poderia mesmo acceitar o seu convite — respondeu o doutor Servan. Estão á minha espera, e a *panne* no motor me faz demorar.

— Já está reparado — interveio o *chauffeur*, aproximando-se.

— Então, adeus, cara *madame*. Vou vêr se desconto o meu atrazo... Em todo caso, o seu encontro me encantou.

*

Como nós iamos a toda velocidade, o meu olhar interrogou o meu companheiro.

— Margival! exclamei. E' a viuva do pobre Rolando Margival, morto no Caminho das Damas, e cuja morte encerrou uma triste vida? Eu o suppunha separado da mulher e dos filhos.

— E' bem isso.

— Mas então, e essas duas jovens?

— Escute...

*

— Durante muitos mezes — expoz elle — Mme. Solange Margival se havia consagrado a tratar os nossos feridos. Estava ella no meu serviço. Conseguiu a minha estima e a minha profunda sympathia. Ella me correspondia com uma tal confiança, que me permitte contar-te os acontecimentos que fez della a "mamãe" das duas moças.

Ella chegou, uma noite, muito perturbada com as confidencias que recebera de um ferido, a quem se ligára com tanto mais abandono quanto sabia que elle estava condemnado. A piedade inicial havia pouco a pouco alargado o accesso a sentimentos mais ternos, exaltados pelos lances de alma que ennobreciam o moribundo. Confiando-se áquella que elle sabia commover, elle lhe havia confessado o seu passado, as suas agonias, e essa narrativa prolongava em Solange um éco tanto mais penetrante quanto era certo que uma paridade aproximava, cada vez mais, os seus destinos.

Casada, muito joven, com um homem seductor, mas leviano, escravo dos seus prazeres, mais do que dos seus deveres, cuja unica idéa de obrigação só a ella devia caber, Solange, após a embriaguez da lua de mel, se viu esquecida desde que nascera a filha que elle desejara nutrir e crear. Os menores cuidados reclamados pelo bebê repugnavam a Margival; os gritos, o choro, as impertinencias da filha o punham em fuga.

Desde então, começou a se crear uma vida exterior e se fez raro no lar. Todavia, quando a filha começou a crescer, seduzindo com a sua graça precoce, Rolando se mostrou pae, mas de uma paternidade toda vaidosa. Por mesquinha que fosse a causa, não restava senão a menina para manter um laço que retinha o marido e o pae.

Mas a creança morreu.

Após um violento, mas curto desespero, Margival se evadiu da atmosphera do luto, na qual vivia a pobre mãe inconsolavel.

Elle abandonou a sua mulher ás suas lagrimas, procurou alegrias novas, covardemente desertou a casa.

A sua filha! O seu marido! Solange havia perdido tudo ao mesmo tempo. Ella suppoz morrer de desespero. Mas a sua alma valente se retemperou em um novo dever entrevisto. Corajosamente, depois de ter feito o sacrificio da sua felicidade destruida, ella se curvou sobre as miserias de outro.

Assim, desde a declaração da guerra, se fez enfermeira de uma ambulancia.

Mezes passaram sem enfraquecer a sua coragem. A sua vontade lhe creava inesgotaveis forças e, para levar a esperança aos seus doentes, a sua bocca sabia forçar um sorriso.

Entre tantos enfermos, que ella havia curado e reconfortado, nenhum lhe havia inspirado tanta sympathia como o capitão de reserva, João Servange. Attingido por uma bala nos pulmões, o mal se complicava com um principio de intoxicação pelos gazes. Os effeitos do subtil veneno annullavam todo o effeito da panacéa therapeutica. João estava condemnado.... e elle o sabia!

Sim, elle o sabia e já o havia dito á enfermeira. Ah, elle não lamentava a existencia que lhe havia sido cruel.... Mas elle ia deixar duas orphãs.

Sem familia, educado pela benevolencia de um inspector ferido pela intelligencia precoce da creança, elle tinha feito brilhantes estudos.

Tendo entrado na escola Polytechnica, perdeu o seu protector, como sahia depois da escola de Pontes e Calçadas. No seu primeiro posto, elle havia conhecido uma joven que a ruina reduzia á condição de professora. Elle se apaixonára por essa creatura, tendo casado com ella, confiante no seu labor para lhe garantir o futuro, seguro do seu coração para consolal-o das suas amarguras passadas.

Ai delle! A modesta existencia que lhe offerecia não conseguira satisfazer aquella alma invejosa. Um dia, ella havia partido, sem um olhar para os dois berços que abandonava. Que era feito della? Pouco importava! O seu voto supremo era que ella ignorasse a sua morte. Elle tinha muito medo de que, uma vez morto, ella puzesse de novo as mãos nas duas meninas e as educasse no seu triste exemplo.

As suas filhas! As suas queridas! E elle ia morrer longe dellas, sem lhes deixar na fronte um beijo puro.

*

O agonizante havia confessado á sua confidente que as duas pequenas viviam escondidas no campo, confiadas á dedicação de uma velha camponeza que recebia, pelas creanças, a pensão correspondente ao seu soldo. A enfermeira havia tido o pensamento de ir procurar as garotas, afim de dar ao pae a consolação suprema do adeus. Si a sua guarda si recusasse a entregal-h'as, ella a levaria comsigo tambem.

Entrou em casa empolgada pela idéa que projectava. Sobre a mesa, uma carta a esperava; a letra deixou-a inquieta.

Era da mão do seu marido.

Ella leu:

"Si esta carta te chegar ás mãos é para te levar a noticia de que te quero deixar livre de compromissos para commigo. Tu a lerás com amargura, pois que ella te chegará das mãos de um morto, cujo fim, pelo menos, terá sido mais digno e mais util que toda a sua vida.

Perdôa o mal que te fiz e de que sou a maior victima. Eu te amei sinceramente, Solange.

E comtudo, não tentei reconquistar-te. E' por isso que me deves ser reconhecida; por mais sincero que fosse o meu arrependimento, eu desconfio de mim mesmo, para responder que elle me impedisse de te fazer soffrer novamente.

Sou um pobre sêr, incapaz de resistir á tentação; não tenho senão uma só vontade — a de não renovar as tuas dôres.

Lamenta-me e pede por aquelle que se apresentaria muito pobre, deante do seu juiz, si não lhe consagrasses um pouco dos teus meritos e se recusasses a pleitear a sua causa.

Meu ultimo voto é que encontres no teu caminho um coração capaz de comprehender e de curar o teu."

Rolando Margival.

*

Ah, esse coração, Solange o havia encontrado. Mas elle ia cessar de bater.

E' delle que ella seria verdadeiramente viuva...

Mas então uma inspiração germinava nella, num surto largo, prestes a florescer.

Dois dias mais tarde ella entrava no quarto do enfermo. Levava as creanças á cabeceira do pae. Então, ella disse:

— Fique em paz, meu amigo. As suas filhas terão em mim uma bôa mãe. Por uma que perdi, Deus me deu as suas.

Fantasia da Realidade

por DUARTE DINIZ

(Continuação do numero anterior)

"Quando Mac Kinley regressou do tabellião, chamou Arthenuza ao seu gabinete, fel-a sentar a seu lado, e disse-lhe:

"— Fiz agora um magnifico contracto, e parto para Londres, no vapor de sabbado. Vou ensinar os inglezes a venderem acções de companhias, queres ver?

"E leu-lhe o contracto. A idéa da separação não agradou a Arthenuza, mas, em todo o caso, ella se interessou pelo negocio:

"— Como poderás distribuir quinze milhões de titulos em seis mezes?

"— Facilmente. Os corretores inglezes não sabem, ainda, que a unica maneira de vender acções de uma empresa qualquer é elevar artificialmente o preço dos productos que essa empresa vae explorar. No caso em apreço, o que cumpre fazer é uma revolução no mercado mundial de borracha. Dar ao mundo a impressão de que não ha borracha sufficiente, para que todos acreditem na vantagem que terão invertendo capitaes para produzir um artigo que a Industria reclama e exige a qualquer preço. Já fechei nas bolsas de Nova York, Hamburgo e Liverpool, para entrega em agosto até dezembro, tanta borracha quanta entrou nesses mercados em igual periodo do anno passado. Vou communicar-me com os exportadores do Pará, Manáos, Iquitos e Riberalta, que são os centros vendedores das safras brasileira, peruana e boliviana, para forçar a alta nos mercados de origem. Quando chegar a Londres, insinuarei que a producção mundial é insufficiente para o consumo e que urge plantar seringueiras, para evitar que as fabricas tenham de fechar por falta de materia prima. A' medida que o meu plano se fôr desenvolvendo, que os preços forem subindo, dois terços dos vendedores entrarão a cooperar innocentemente commigo, retendo seus "stocks", á espera de cotações mais altas. Com uma producção mundial de borracha igual ás necessidades immediatas do consumo, a retenção de dois terços de uma safra triplicará o preço da quantidade insignificante que apparecer nos mercados do mundo. As pequenas companhias do Oriente que já produzem borracha, obtendo para ella tres vezes mais do que obtinham, distribuirão dividendos assombrosos, e os possuidores de acções dessas companhias empregarão todo o capital que conseguirem obter, em acções de quantas companhias se propuzerem a explorar o plantio da seringueira. Quando uma libra-peso, de borracha, alcançar na Bolsa de Liverpool o preço de uma libra-ouro, estarão vendidos os quinze milhões de acções que tomei o encargo de collocar.

"— E depois? — perguntou Arthenuza, maravilhada da facilidade com que seu marido desdobrava os termos de tão grande problema.

"— Depois? Segue-se a logica natural dos factos economicos. O alto preço reduz o consumo e augmenta a producção. As cotações declinam. Os detentores dos *stocks* sonegados ao mercado, assombrados com a previsão de baixa, correm, como os exercitos em debandada, a desfazer-se de suas reservas. Os compradores, prevendo a baixa, fogem dos vendedores. Quebrado o equilibrio da offerta e da procura, a quéda dos preços accentua-se e o mercado entra em panico, sobrevindo prejuizos formidaveis; mas, a esse tempo, terei cumprido meu contracto e canalizado milhões de dollares para o nosso escriptorio.

"Arthenuza meditou um pouco, impressionada e orgulhosa pela capacidade do homem a quem amava mais do que a propria vida, e, levantando-se, sensibilizada já pela idéa da separação, deixou cahir dos labios um simples: — *Very well.*

* * *

"Todas as quinzenas chegava de Londres correspondencia de Mac Kinley, dando conta á gerencia de seu escriptorio dos negocios realizados e dos lucros obtidos. Depois do segundo mez, começaram a chegar cheques de sommas avultadas representando a liquidação das operações concluidas nas bolsas de Liverpool e Hamburgo. Por mera gentileza, o gerente da casa Mac Kinley collocava toda a correspondencia recebida e a expedir na secretária de Arthenuza, para que ella tomasse conhecimento do feliz andamento dos negocios de seu marido. Ella rebuscava, entre a correspondencia, uma carta para ella, que nunca appareceu. Os mezes foram passando, a riqueza augmentava continuamente em proporções assombrosas e Arthenuza definhava, minada pela saudade do marido, que, absorvido totalmente pela idéa fixa de realizar o mais arrojado golpe de Bolsa de que ha memoria, não teve um minuto de férias para dirigir duas palavras intimas á sua gentilissima esposa. Attingiu tal gravidade o estado de saude de Arthenuza, que o gerente resolveu participar o facto ao seu chefe.

"Nessa altura, porém, era tal o enthusiasmo na Bolsa de Londres, criado pela fantastica alta do preço da borracha e pela intensiva procura das acções das companhias de plantio, que Mac Kinley não se pertencia mais, cercado continuamente pelas maiores figuras do capitalismo londrino, que viam nelle o genio criador e executor dos grandes negocios.

"Nessa semana, a Bolsa de Londres registou a cotação de dezoito shillings por libra-peso de borracha, e os banqueiros organizadores das companhias de plantio annunciaram a integralização do capital das companhias pela venda total das acções emittidas. Estava terminada a missão de Mac Kinley, que regressou a Nova York com um milhão e meio de libras, recebidas de commissão e outro tanto que ganhára em especulações de borracha nas Bolsas de Liverpool e Hamburgo.

"Estava um homem rico! Era um nome consagrado no mundo das finanças! Era bello! Era joven! Tinha uma saude de ferro!

"Pela theoria delle, era um homem feliz.

"Mas a theoria era falha.

"A felicidade é uma sensação moral de satisfação plena, em que nada mais se deseja ou ambiciona. E o homem de negocios está, fatalmente, privado dessa satisfação, porque, si ganha cem libras, para logo deseja opportunidade de ganhar um milhão."

Velhice

Rins Doentes

Velho aos Trinta Annos!

Antigamente todos Viviam Mais de Cem Annos!

Só se morria de Velhice

SABEM todos os Medicos que nos tempos mais antigos só se morria de Velhice.

Os homens somente morriam moços e fortes ás vezes na Caça, luctando contra os Animaes Ferozes das Florestas, ou então nas Guerras, quando feridos em combate pelos Soldados dos Exercitos inimigos.

Eram as Féras, na caça, e as Guerras que matavam os homens.

Fóra disto, elles só morriam de Velhice, depois de terem vivido Mais de Cem Annos!

Mais de Cem Annos!

Sempre assim.

Porque hoje em dia é a Vida tão curta?

Porque, em geral, todos cometem e praticam as maiores imprudencias, que arruinam e sacrificam a Saúde.

A razão é esta:

Todos sofrem do Estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo tambem das mais perigosas Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Hoje, muito antes de Trinta Annos de idade, os homens começam a perder os cabellos, ficando calvos muito depressa; aos quarenta annos já parecem Velhos, com perda de memoria e das forças.

São certos orgãos do corpo, principalmente os Rins, que estão sofrendo, em consequencia das Fermentações Toxicas no Estomago e intestinos.

Com isto, pode-se até morrer de repente!

Para viver muitos e muitos annos e não ter nunca tão Dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem fortes, usando **Ventre-Livre.**

Nunca esquecer:

Só se pode curar Dor de Cabeça e qualquer Molestia dos Rins, tratando-se bem o Estomago e os intestinos.

Não use Nunca e Nunca remedios Fortes e Violentos.

Seja Prudente: Trate-se!

Use **Ventre-Livre**

GILBERTO (Pernambuco) — Oh, meu caro, o sr. não me surprehende com a noticia que me dá, relativamente ao que se diz de minha obscura pessôa, nas rodas literarias da nossa terra.

E acaso o sr. queria que não houvesse ahi duas correntes: — pró e contra, isto é, a que me ataca e a que me defende?

A esse respeito, eu penso seria triste, para mim, representar o papel daquellas academias provincianas, a que Voltaire se referia, dizendo que ellas eram como "donzellas bem comportadas: nunca davam o que falar de si".

Positivamente, não quero ser como essas academias. E como é certo que ninguem acredita em elogio (todo elle parece encommendado), prefiro que os confrades recifenses me ataquem.

Aliás, não é possivel — accentuemos ainda — que um cavalheiro, encarregado de uma secção como esta, não encontre quem o apedreje, quem o descomponha e ataque. Eu mesmo reconheço que "elles", os poetastros, exercem o "jûs sperniandi" — em represalia ao serviço de prophylaxia literaria, que, na minha modestia, vou prestando á literatura nacional.

Podem zumbir á vontade. Não permittirei que os *stegomyas* das letras recifenses consigam transmittir a febre amarella... do cha-

Saibam todos...

tismo e da mediocridade ás leitoras sãs e bonitas do *Fon-Fon*...

Não acha o sr. que mereço uma estatua, ahi numa praça ou rua mais elegante, por essa obra de patriotismo e humanidade?

Até lhe queria pedir um favor. E' o seguinte: já que o sr. é tão meu camarada, eu lhe pediria exercer ahi uma certa espionagem (?) e levantar uma estatistica dos *stegomyas* mais rebeldes que se insurgem contra a minha prophylaxia... Não me sendo possivel combatel-os de perto — por lhes desconhecer a existencia... e o zumbido, encarregal-o-ia de exterminal-os por meio de aspersões violentas de *Flit*...

Tratal-os a penna "Mallat" e a tinta *Black* é desperdicio... O *Flit* é mais barato e, creio, mais efficiente, em casos de taes surtos epidemicos...

Não vá pensar que estou a fazer ironia...

O seu conto foi entregue ao secretario.

Aguarda a sua vez.

J. MÓRA (E. do Rio) — Olá, poeta! Eu bem dizia que o anno não haveria de findar sem que eu recebesse uma calinada, que fosse a maior do anno... E eis que o sr. apparece com os seus dois sonetos...

Posto que, pela preoccupação, muito material, de haver "preenchido o coupon", o sr. já tenha denunciado a pobreza franciscana da sua poeta, e o seu espirito eminentemente burguez, não quero privar as leitoras intelligentes do prazer de aquilatar, mais claramente, a vulgaridade de que, como poeta, o sr. representa.

Comecemos pela carta:

"Snr. Yves,

Respeitosas saudações.

Juntas, acompanhadas do preciso "coupon", "devidamente preenchido", envio á sua critica, reconhecidamente competente, dois sonetos (?) de minha lavra.

Obras, uma de 1925, outra de 1929, que, quando escriptas, não eram destinadas á publicação: o que, entretanto, agora, caso haja possibilidade, pretendo fazer.

Sempre seu creado, agradece,

J. Mór

Estupendo!

Quer o sr. dizer que os seus sonetos, á maneira de gallinaceos de bôa raça, estavam engordando na *basse-cour* da sua bagagem litteraria. O primeiro deve estar muito gordo: cinco annos de ceva; o segundo — um anno apenas! — ainda deve estar um pouco magro e menos desenvolvido.

Agora, o sr., aproveitando o Natal, quer destinal-os á publicação, em bôa linguagem, ao recheio — farofa, azeitonas, etc. — da letra de fôrma...

Illustre poeta! Eu o aconselharia a não retirar os seus gallinaceos, isto é, os seus sonetos da *basse-cour*...

Deixe que elles continuem na ceva...

Aqui está o mais gordo dos seus sonetos...

AS ANDORINHAS

(1925)

As crystallinas aguas, que, silente
E branda, enruga a aragem vespertina,
As azas de andorinha peregrina,
De gozo loucas, beijam docemente.

Outra... Outras..., e milhares, levemente,
Submergidas na luz crepusculina,
Banham-se na corrente crystallina...
Depois fogem... e fogem de repente.
Nos corações, tambem, da mocidade
(Tarde da vida, d'esperança e riso)
Illusões bailam muitas e á vontade.
Depois, porém, tal ellas, friamente,
Todas em um minuto se desfazem...
Todas fogem... e fogem de repente.

Vê, o sr? O mais gordo está da grossura de uma pôe-mesa...

MIOBE (S. Paulo) — Upa! carta de uma paulista? E' por isso que a minha mesa está perfumada. E' que as missivas de S. Paulo se caracterizam pelo doce perfume de suas autoras... Gostou?

Escreve v. ex. Dois pontos:

"Yves. Venho fazer-te tres perguntas:

E' morena, ou clara, uma moça que tem os cabellos loiros, os olhos negros, e a tez morena clara? Depois: Mauro de Alencar é paulista? Queria ainda saber se "O Abat-jour e a Mariposa", de sua autoria, termina assim.

Mariposa, suspirando.

Estou tranquilla...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

GRAPHOLOGIA — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico*: 1.º — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo*; 2.º — *O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual*; 2.º — *A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica*; 4.º — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido*.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 3-1-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

(Pausa. Toma as mãos de Abat-jour.)

Abat-jour. Tens razão, meu amigo tristonho:
o amor, para ser grande, ha de ser sempre um sonho...

Desde já, muito grata. Com grande admiração.

Miobe."

Tres perguntas e, portanto, tres respostas. Lá vão ellas:

1.º — Uma joven morena ou clara, uma moça que tem os cabellos loiros, os olhos negros, a tez moreno-claro, os labios vermelhos, as faces rosadas, o sorriso amarello... Ora, essa moça não é uma moça, é uma porta de tinturaria.

2.º — Mauro de Alencar?... Não estou autorizado a informal-o.

3.º — Sei que a minha peça o *Abat-jour e a mariposa* tem sido representada com modificações. Como, por exemplo:

Abat-jour

Manon!

Mariposa

Manon Lescaut...

Era o mesmo com que Santa The-
[reza amou..."

Algumas interpretes julgam que ha nisso uma heresia. E dizem:

Era o mesmo com Maria Thereza
[amou...

Ora, meu pensamento não é esse, está claro. Além do mais, sacrifica o rythmo do verso.

E' possivel que o final da peça tenha sido alterado ahi em S. Paulo. Mas o que escrevi foi isto:

Mariposa *suspirando:*

Estou tranquilla...

(Pausa. Toma as mãos de Abat-jour).

Abat-jour, tens razão, meu amigo
[tristonho:
o amor, para ser grande, ha de
[ser sempre um sonho...

Abat-jour *com uncção*
Um sonho nupcial...

Mariposa, *numa voz lenta*
Um sonho... bello e puro...

Abat-jour *no mesmo tom*
Que envelhece em nossa alma...

Mariposa

Esperando o futuro...

Fim

O que nem todos sabem

Conhece-se o caso de um inglez, John Burns, que se habituou a dormir apenas uma hora por semana. Paulo Kern tem, nesse particular, a primazia, porquanto não dorme nunca. Tem o segundo desses nomes um soldado que combateu, durante a Grande Guerra, no exercito hungaro, e recebeu uma bala na cabeça, que não poude ser extrahida.

Essa bala privou o ex-combatente da faculdade de dormir. Cumpre, aliás, dizer que essa privação não lhe causa soffrimento de nenhuma especie.

Não tem o menor desejo de adormecer e nunca se sente fatigado.

* * *

A invenção do microscopio é attribuida aos irmãos Hans e Zacharias Jansen, que a teriam realizado no anno de 1590.

* * *

Os turcos consideraram, por muito tempo, o uso da espada como barbarie indigna de paizes civilizados, e a omittiam para evitar os violentos effeitos da ira. Essa precaução chegava a tal ponto, que os janizaros, militares profissionaes, deixavam de trazer a sua espada em tempo de paz, durante o periodo comprehendido até fins do seculo XVII.

* * *

Nos paizes scandinavos, especialmente na Noruega, a industria da energia electrica é poderosa e muito florescente.

Disso resulta já um largo excedente de producção, que os industriaes norueguezes estão tratando de transportar para a Dinamarca, por meio de cabos aereos e submarinos.

Está sendo construido, na Inglaterra, para a linha Europa-Estados Unidos, um colossal navio, que será o maior e o mais rapido de todos os transatlanticos.

Terá o novo paquete britannico 70.000 toneladas brutas, medindo 305 metros de comprimento e 35 de largura e podendo transportar 4.000 passageiros. Seu custo será de 10 milhões de libras.

Para vencer a velocidade o *Bremen*, que é actualmente o mais rápido, deverá o novo navio fazer mais de 32 milhas por hora.

Nos ultimos vinte annos, foram construidos os seguintes navios de grande tonelagem:

1911: *Olympic*, inglez, com 49.439 toneladas; *Imperator*, allemão (agora *Berengaria*, inglez), 52.226. 1914: *Vaterland*, allemão (hoje *Leviathan*, norte-americano), 59.956; *Aquitania*, inglez, 45.647. 1921: *Bismarck*, allemão (hoje *Majestic*, inglez), 56.621); *Paris*, francez, 34.569. 1922: *Homeric*, inglez, 34.351. 1926: *Roma*, italiano, 32.583. 1927: *Ile de France*, francez, 43.153; *Augustus*, italiano, 32.650. 1929: *Bremen*, allemão, 51.656; *Europa*, allemão, 50.000. 1930: *Rex*, italiano, 47.000; *Empress of Britain*, inglez, 42.000; *Atlantique*, francez, 40.000 toneladas.

Espirito Alheio

A RAZÃO. — Nunca mais te vi com aquelle rapaz com quem costumavas andar em toda parte.
— E' que eu me casei com elle...

NAS CASAS DE HOJE. — Você vem, comadre?
— Sim. Immediatamente. Dentro de duas horas ahi chegarei.

¡VAI ESCOLA! — A *professora*. — Sabes para onde vão os meninos que não guardam o dinheiro no mealheiro?
O alumno. — Vão ao cinema...

"Você é injusto! Eu, tão doente e Você ainda por cima fica de máo humor, como si eu tivesse a culpa!"

Não importa saber si é ou não injustiça.
É a realidade: os maridos se contrariam quando as esposas adoecem! São portanto máos enfermeiros e quasi sempre acham que as esposas foram imprudentes!
E quantas vezes elles têm razão! Quantas doenças as Senhoras podem evitar ou combater aos primeiros symptomas, bastando, para isso a prudencia de terem em casa um vidro do grande remedio

A SAUDE DA MULHER

que evita e combate todas as molestias do Utero e dos Ovarios, taes como Colicas Uterinas, Flores Brancas, Regras Demasiadas, Falta de Regras, Males da Edade Critica, Rheumatismo, Inflammações do Utero e dos Ovarios

Usar A Saude da Mulher é uma medida de sabia prudencia, não só para o cuidado da saude como tambem para a defeza da felicidade domestica, porque A Saude da Mulher mantem integral e constante o encanto do Marido.

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 1

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 3 de Janeiro de 1931

Um artista do soffrimento e do amor

HERMES FONTES... Parece-me que ainda o estou vendo illuminado da sua propria bondade, tão grande, tão sincera, tão deslocada no seu seculo egoista, que o mundo não soube interpretal-a. Parece-me que ainda o vislumbro diluindo-se tranquillamente na sua doçura fraternal, que os desencantos e as magoas da vida não conseguiram suffocar. Aquelle sorriso piedoso e amargo com que elle — artista doloroso e atormentado — deslumbrava o coração dos seus amigos, ainda me commove e enternece, desoladamente, na angustia desta hora inutil do irremediavel.

Mas o excelso poeta já não existe, porque o destino parou a sua sensibilidade quando ella mais se integrava no soffrimento e no amor.

Amor... Soffrimento... A tragedia interior de Hermes Fontes gerou-se no tumulto desses dois sentimentos. Nasceu no amor e terminou no soffrimento. Bem que elle dizia, no seu lyrismo torturado:

Só os que têm amado e têm soffrido
E, quanto mais soffrido, mais amado,
Podem mostrar no coração ferido
O seu altar... o seu apostolado...

Hermes Fontes viveu e morreu pelo amor. Pelo amor infinito e eterno, que Barbusse assim definiu: *Le vrai amour est fait d'infini et d'éternité*. Seu coração dir-se-ia feito de filigranas sentimentaes. Bom, leal, effusivo nas suas attitudes, nem por isso, ou talvez por isso mesmo, elle deixou de ser menos calumniado. Tinha muitos inimigos, tendo tão poucos defeitos. Sua grande alma indulgente sabia, porém, perdoar a ingratidão e a inveja dos outros. Quando um homem de genio nasce com o predestino da desventura não invectiva o ultrage das maldades humanas.

Depois, a sua ternura fulgurante lavava os defeitos alheios. Ninguem era ruim para elle. O mundo é que plasmava os caracteres dos homens. O mundo e o meio. Dahi a sua indulgencia e o seu eterno e luminoso sorriso de perdão.

No seu *testamento* romantico (*A fonte da matta*, pagina 136), o grande artista escreveu:

Aos que me odeiam, de ódios sem razão
Ou me perseguem, porque os não persigo,
A todos, meu amigo ou inimigo,
Abro, simples e ingênuo, o coração...

Elle abria, de facto, generosamente, ingenuamente, enternecidamente, o coração de poeta e sonhador aos que lhe queriam bem e aos que lhe queriam mal. Agradecia a uns e perdoava a outros essas inquietações que ás vezes perturbavam a sua serenidade. E, porque não sabia odiar, era odiado. E, porque não sabia desdenhar, era desdenhado. E, porque não sabia abandonar, era abandonado.

Hermes foi um incomprehendido. Tudo se levantava contra elle no meio onde o seu espirito desabrochava em tantas flores de emoção e de belleza. Seus proprios amigos, com uma diminuta excepção, ás vezes se deixavam levar pelas vozes da insidia e da calumnia, e chegavam a duvidar da bondade immensa e da immensa lealdade desse poeta soffredor que atravessou a vida constringido entre os desenganos e as irreverencias da sorte. Tambem elle foi tão grande, tão insuperavel nos seus vôos lyricos, que os satélites da sua musa extraordinaria não puderam acompanhal-o.

Quem conheceu Hermes Fontes como eu o conheci — na intimidade espiritual e sentimental — ha-de acreditar na sinceridade e na verdade daquelles versos com que elle glorifica, no seu livro *Despertar!*, a seducção da solidariedade humana:

O Homem será feliz, quando a misericordia
De uns soccorrer a dôr dos outros; soccorrer
A fome, a alguns, o luto, a muitos, a discórdia
Entre o dó do que foi e a ânsia do que ha-de ser.

Elle foi um homem assim: sem odios, sem prevenções, sem invejas. Alheio á cobiça. Alheio ás perfidias. Alheio ao veneno da ambição. Mal interpretado, mal comprehendido, teve, porém, o castigo de todos os génios que não se confundem, na torpeza da terra, com as mediocridades e os espiritos vulgares.

MARTINS CAPISTRANO

Club Naval offereceu aos filhos de seus associados uma festa Natal bem cheia de attractivos, porque havia brinquedos para ...dos elles... Depois da distribuição dos presentes, o mundo infantil ali reunido dançou como gente grande...

O CAIXEIRO-VIAJANTE

O caixeiro-viajante, typo desconhecido na antiguidade, não é uma das mais curiosas figuras creadas pelos usos de nossa epoca? Não está destinado, em certa ordem de coisas, a marcar a grande transição que, para os observadores, liga a era das explorações materiaes á das explorações intellectuaes? Nosso seculo unirá o reinado da força isolada, abundante em creações originaes, ao reinado da força uniforme, mas niveladora, igualando os productos, lançando-os em massa e obedecendo a um pensamento unitario, ultima expressão das sociedades. Depois das saturnaes do espirito generalizado, depois dos ultimos esforços de civilizações que accumulam os thesouros da terra em um ponto, as trevas da barbaria não vêm sempre? O caixeiro-viajante não é ás idéas o que as deligencias são ás coisas e aos homens? Elle as conduz, movimenta e faz chocar umas contra as outras.

H. DE BALZAC

O Natal da petizada do Automovel Club do Brasil decorreu entre sorrisos de contentamento e notas alegres de musicas modernas. As crianças que compareceram á vesperal infantil do dia 25, nos salões do palacio da rua do Passeio, dançaram festivamente e receberam, de um Papae-Noel generoso e deslumbrante, muitos presentes bonitos para as suas collecções de brinquedos. A Arvore de Natal do Automovel Club do Brasil estava carregadinha...

FILIGRANAS

Em geral, nos casamentos, o homem se engana mais quanto á futura sogra do que quanto á futura mulher. Por que? Talvez o segredo esteja nesta excellente observação de Balzac: "Até os trinta annos, o rosto de uma mulher é um livro escripto em lingua estrangeira e que ainda se póde traduzir, apesar de todas as difficuldades do idioma; mas, depois dos quarenta annos, uma mulher torna-se um engrimanço indecifravel, e só quem póde adivinhar uma velhota é outra velhota." Deante disso, temos de confessar que os homens cáem todos, sem excepção, como uns patinhos.

O FIM...

1931... Estou de prevenção com este anno que começa risonhamente numa quinta-feira. Elle só me promette desenganos. Novos desenganos para a minha torturada vida. Novas desillusões para a minha pobre angustia de sentimental. Elle só me promette amarguras. Novas amarguras para o meu inquieto coração. Novos dissabores para o meu scepticismo.

1931... Olho desoladamente para o passado, para o nosso passado, minha amiga, e vejo os seus olhos verdes illuminando uma esperança que só os meus olhos tristes vislumbravam no caminho do soffrimento. Seu sorriso deslumbrante e piedoso ainda bruxoleia, docemente, para o meu sorriso doloroso. Sua fascinação longínqua ainda me consola. Eu penso em você, a toda hora, e, a toda hora, você me surge fulgurante na inquietação da lembrança...

Hontem, eu era quasi feliz com a illusão do seu amor, que nasceu como vae morrer: na fatalidade. Desde aquella noite de abril, em que nos encontrámos e nos conhecemos sob um luar romântico, eu comecei a achar melhor e mais linda a vida. Você contou-me alguma coisa que me commoveu. Eu disse-lhe, também, a minha tragédia. Ficámos ambos desalentados deante das nossas affinidades e da nossa angustia infinita. Havia o impossível entre nós. Havia entre nós a hypocrisia dos preconceitos. Mesmo assim, nos amámos. Platonicamente. Intensamente. Gloriosamente.

Durante oito mezes, você me quiz assim. Tantalizado embora, materialmente, eu acceitei a ventura espiritual desse amor. Só porque o meu coração magoado e afflicto sentiu a doçura ineffavel do seu coração. Só porque a minha melancolia sentiu a sua melancolia. Só porque o meu soffrimento recebeu o generoso amparo do seu soffrimento.

A felicidade acenava-nos de longe, sem se aproximar. E nós, tão descrentes da felicidade, tão integrados na desventura, não tínhamos coragem de ir ao seu encontro — de ir ao encontro da miragem do nosso deserto... E ficámos de longe a esperal-a, inutilmente, a esperal-a... Até que o anno acabou... O anno do nosso amor e das nossas esperanças... O anno das nossas illusões e dos nossos sonhos...

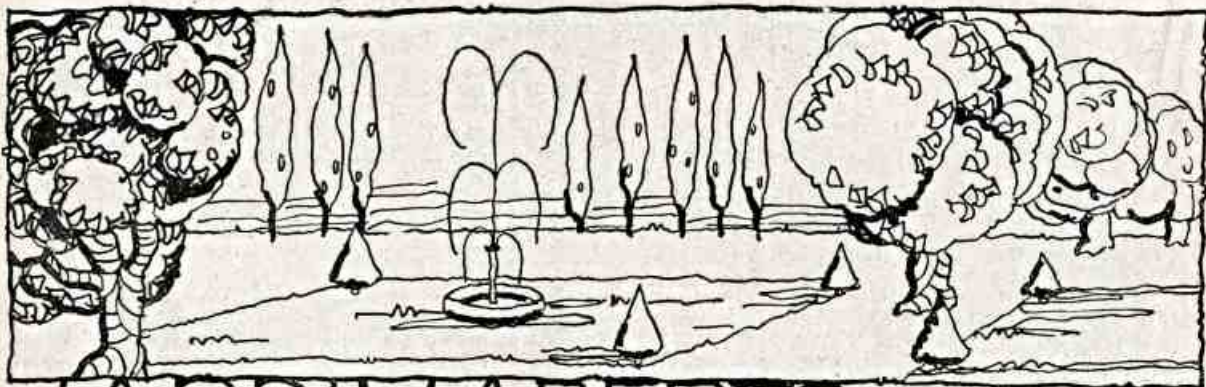
E o seu successor, no calendario do meu sentimento, não me agrada. Será em 1931, minha fulgurante amiga, que você deixará de pertencer-me, para fazer a felicidade de um homem que não poderá fazer a sua felicidade. E assim tudo acabará, tudo morrerá num capricho do destino. Até, talvez, o nosso sacrifício, que não teve, neste fim de anno, nem mesmo o consolo amargo de uma despedida...

Um flagrante da solennidade inaugural da «Obra do Berço», no Collegio Sion, realizada sob a presidencia de sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme. Fez o discurso offical o illustre orador sacro padre Henrique Magalhães, que realçou, com elaquencia, os intuitos nobres e benemeritos daquella obra de piedade christã.

FILIGRANAS

A chuva miuda e monotona bate no telhado ennegrecido pelo tempo. Debruçado á janella, eu olho as vegetações que se ensopam na agua refrescante. E, deante de mim, um fio liquido que desce do morro vae devagarinho corroendo um socalco de argilla rubra.

O seu trabalho é continuo e lento. Pouco e pouco o terreno amollece e se dissolve, tingindo de vermelho a agua corrente. E eu me esqueço a contemplar a terra que se esboróa, numa inveja muda de não poder, da mesma forma, me dissolver assim...

O Rotary club do Rio de Janeiro promoveu, quinta-feira penultima, na «Casa da Criança», á rua S. Clemente, o Natal das crianças pobres, que foi uma festa de commovedora simplicidade e de alta expressão de assistencia social.

OS NOSSOS ROMANCISTAS

Guido de Verona fala do «terceiro sexo», no seu livro «Mata Hari», tal como o viu em Paris. Odilon Azevedo vem nol-o mostrar como o viu e encontrou no Rio, no seu romance que tem o titulo de «O 3.º sexo». Tanto o parisiense como o carioca são singularmente interessantes. Porque representam uma novidade na literatura. E como Odilon Azevedo é um romancista moderno, dono de um estylo nervoso e vibrátil, occorre que o seu «O 3.º sexo» é uma obra que justifica o exito que vae tendo. Não é preciso acrescentar que elle é autor de varios livros, inclusive um outro romance — «A mulher do promotor».

DIALOGO

— Que fazes por estes tempos difficeis e asperos?

— Leio, leio e leio. Procuro nos livros a consolação que me falta na vida real.

— E que lês?

— Rabelais, para rir. Balzac, para chorar.

— Como?

— Um é o desabafo do espirito que a tyrannia sinistra da idade média enclausurava e que os primeiros albores do renascimento libertaram.

E' o riso sonoro e forte da população soffredora ante a queda das primeiras barreiras do feudalismo torvo. E' a gargalhada gostosa do debique. E' a gaitada esfusiante do homem de espirito ante as miserias e as mesquinharias. E' o açoite da troça no lombo dos tartufos, dos pedantes e dos canalhas.

— E o outro?

— Ah! Balzac é o mestre insigne da vida, o observador dos typos e dos actos, o ferro em braza que marca no hombro os forçados da sociedade. Na sua obra, as humildes mulheres honestas passam entre a gloria social das gozadoras e das intrigantes, os usurarios como Gobseck manejam os fios terriveis dos emprestimos, dos descontos e dos penhores, os funccionarios publicos mostram o canalhismo de suas attitudes miseraveis, a pobreza geme, o genio é perseguido, a honestidade se encolhe, a simulação domina, a vingança range os dentes, o lupanar fermenta, a diplomacia sorri como uma hyena dourada, a politica tece as suas teias infames, a mediocridade se infatua com os triumphos, emquanto o merecimento é tratado a pontapés, e os bellos caracteres brilham como diamantes esquecidos sobre a lama...

— Eu bem te comprehendo, meu amigo.

— Felizmente.

— Bôas festas!

— Melhores entradas!

— Adeus.

— Adeus.

OS NOSSOS ROMANCISTAS

Fernando Pio tinha, nas letras pernambucanas, o seu relevo assignalado como poeta, por isso que já publicára «Penumbra» e «Lua cheia», poemas de sensibilidade lyrica. Agora, elle se nos apresenta sob uma nova feição: a do romancista. «Terra de Montezuma» é o expressivo titulo que o autor dá ao seu novo livro. Esse romance, que se baseia em documentações historicas, reflecte uma personalidade de verdadeiro escriptor. E, com isso, Fernando Pio se deve dar por bem pago do esforço que a sua obra representa.

As galantes meninas Lucy Eyer, Dolores G. Souto, Maria Victoria Passos Barbosa e Nysa de Menezes, alumnas do quinto anno do Grupo Escolar Barão Homem de Mello, num bailado em que tomaram parte, por occasião da festa de encerramento das aulas naquelle estabelecimento. Animando a attitude choreographica das pequenas dançarinas, apparece tambem na photographia a sua professora d. Edul Rezende. E' directora do Grupo Escolar Barão Homem de Mello a professora d. Adelia de Godoy.

Parallelos

(Dois desenhos, representando duas epocas differentes)

— Senhora, vosso noivo acaba de chegar. Quaes são as vossas ordens?

O coração palpitando violentamente, nervosamente pallida, Andréa murmurou:

— Dize-lhe que me espere no salão nobre. Irei ter com elle.

Durante alguns instantes, poude apenas respirar.

— Que tendes, senhora? — Perguntou-lhe afanosamente a escrava. — Estaes pallida e tremeis... Oh! o amor, o amor...

Andréa, num esforço, conseguiu, sinão tranquillizar-se, pelo menos recobrar alguma calma.

Examinou a «toilette». O grande vestido de balão.

A cabelleira empoada.

Perfumou-se, sorriu ao espelho, e decidiu-se, então, ir ao encontro do noivo.

Em frente um do outro, ficaram immoveis e mudos.

Dir-se-ia que se temiam mutuamente.

E assim se deixaram ficar, olhos no chão, sorriso constrangido a borbulhar.

Depois, pensando com certeza que se deviam mostrar fortes, levantaram ao mesmo tempo os olhos.

Um encontro de olhares. Foi uma rude e nova emoção. Elle falou, por fim:

— Senhora, estou profundamente grato pela vossa bondade em me receber. Imaginae que a côrte...

— O senhor está á espera, na bibliotheca... — annunciou um criado.

Acceitando um offerecimento tremulo e laconico, Andréa acceitou o braço do noivo.

E, por aquella noite, estava terminado o idyllio...

— Melindrosa, os teus lábios, quero os teus labios...

— Interesseiro! Ha quinze minutos que nos conhecemos e já me pedes beijos...

— Melindrosa... Boneca... Tens um corpo lindo... Eu quereria beijal-o todo, todo...

— Então começa por aqui...

— Sim, pela tua boquinha de goiaba...

— Como te chamas?

— Luiz Roberto. E tu?

— Marita.

— Marita... Elle se parece comtigo. Elle se parece com teus olhos marotos. Com teu corpinho fino de marota. Emfim... com teu amor, melindrosa, que deve ser mais maroto ainda..

— Vamos dançar esta valsa, Luiz Roberto?

— Não... Esperemos um samba. Senta-te aqui, no meu collo. Socega. Ninguem nos vê. Escuta Quando nos poderemos encontrar novamente? Escolhe um logar discreto. Melindrosa ... Marita...

O idyllio estava apenas começado...

Conchita Cid.

A festejada declamadora senhorita Lucia Lobo entre as flôres que coroaram o successo do seu ultimo recital, realizado no salão do Instituto Nacional de Musica.

A lenda do Pápá-Noel

(Didi Caillet)

MEIA-NOITE. Noite calma e serena envolta no maior silencio. No infinito, o céo negro e micio... as estrellas luzem como um punhado de brilhantes sobre um retalho de velludo sedoso. A lua, como se fôra de crystal, rolava transparente e redonda, tal uma perola maravilhosa...

Na terra, longe da cidade, á luz do luar, sob a protecção dos astros, numa cabana, coberta de ramos seccos, no seu bercinho feito de junco e palha, o Menino Jesus dormia...

Sua Mãe, a dôce Maria, acalentava-o, cantando mansamente.

Estava alli, deante dos seus olhos deslumbrados, o Deus-Menino, tão fragil e tão pequenino, que devería sacrificar-se, mais tarde, para salvar o mundo.

O Menino dormia suavemente...

Subito, uma estrella maior, que tremeluzia lá no alto, aproximou-se mais, como para clarear e aquecer aquella humilde e misera choupana. Acercou-se o astro como uma pupilla curiosa e ardente. A claridade da meiga estrella, coando-se pelo colmo do casebre, fez a criancinha loura estremecer.

Acordou assustada, olhou em volta e choramingou. Nossa Senhora tudo fez para acalmal-a. S. José mostrava-lhe o céo e os pastores, os primeiros fieis, que acudiram ao chamado da estrella magestosa, principiaram a tocar, nas suas flautas, as ternas canções dos campos, que por Bethlem, Capharnaum e Samaria embalavam as almas simples. Jesus chorava baixinho...

Sua Mãe, então, elevando para Deus os mais formosos olhos da Palestina, pediu o socego, a perfeita paz, para aquelle anjinho.

* * *

... Pela porta redonda e prateada, do céo, que é a lua, surgiu um vulto de homem, que vagarosamente principiou a descer por um raio denso do luar. Era um velhinho.

DIDI CAILLET, que é um nome sempre em relevo, entre nós, não só pelo seu prestigio social e a sua belleza, mas ainda pela sua intelligencia, escreveu, especialmente para o FON-FON, a pagina que offerecemos hoje, aos nossos leitores. *A Lenda de Papá Noel devia ter apparecido em nosso numero de Natal, o que não se deu, por motivos independentes da nossa vontade.*

Esvoaçava-lhe a barba immensa, tinha ás costas um sacco... Cautelosamente, aproximou-se da criança chorosa, e disse:

— Lindo menino, não chores, não. Venho do céo e trouxe, para ti, os mais bellos brinquedos. Vim por aquelle raio prateado e quente. Tão quente, que tornou a minha tunica da côr do fogo, e tão prateado, que clareou os meus cabellos e a minha barba longa... Vê, no meu surrão tenho os mimos bonitos que farão sorrir o teu coraçãozinho magoado... Não chores, não! E's a mais ditosa criança; trago-te tudo o que os outros petizes desejam na terra e só conseguem nos seus sonhos infantis...!"

Jesus já não chorava... Sorriu e, prodigiosamente, falou:

— Não, bom velhinho! Eu não quero essas prendas. Eu desejo, para brincar, aquella bola grande de crystal e aquelles pontos brilhantes que scintillam lá no céo... Esses brinquedos que estão no teu surrão são para as outras crianças... as pobres crianças do mundo... Pela terra fóra, bom velhinho, serás o Papá-Noel, e todos os annos, pelo Natal, percorrerás os paizes espargindo ventura e felicidade, tornando os sonhos bonitos das crianças meigas, em deliciosa realidade, que durará uma noite, mas a noite mais encantadora da vida!

* * *

O velhinho tornou a atirar ao hombro o surrão, soprou as mãos enregeladas de frio, puxou para as faces a golla do gibão — e sahiu por este mundo de Deus, a distribuir os mimos do Natal.

Ha vinte seculos que elle caminha — Judeu Errante da esperança, do sorriso e da caridade.

* * *

Numa linguagem moderna, o Papá-Noel é o embaixador de Jesus aos quatro cantos do mundo...

OS FUNERAES DE HERMES-FONTES

O enterro de Hermes-Fontes, o nosso querido companheiro e amigo que tão tragicamente desertou da vida, foi uma legitima consagração á gloria e aos méritos do altíssimo poeta cuja musa impressionante o collocava entre os maiores de sua raça e o mais vigoroso de sua geração. Na tarde chuvosa de sabbado, os restos mortaes do grande artista e sonhador foram conduzidos ao cemiterio de São João Baptista por um grupo numeroso de amigos, collegas e admiradores, que prestaram uma homenagem commovida á memória daquelle que tanto cantou a melancolia das horas cinzentas e as bellezas inúteis da vida. Dir-se-ia que a natureza tambem pranteava o desapparecimento do poeta — do teu poeta doloroso e bom, que o mundo soube admirar no seu genio lyrico, mas não soube comprehender no seu coração illuminado de doçura e de amor.

Sob a chuva insistente, sob a chuva triste, se realizou o sahimento funebre da vivenda da rua Conselheiro Lafayette para a necropole da rua General Polydoro. Muitas flores. Flores da saudade dos seus amigos. Muitos automoveis no acompanhamento, que foi notável, apesar do máo tempo.

No cemiterio, innumeras pessôas aguardavam a chegada do corpo. Homens e mulheres. Todos profundamente compungidos, todos recolhidos num mesmo gesto de amargura.

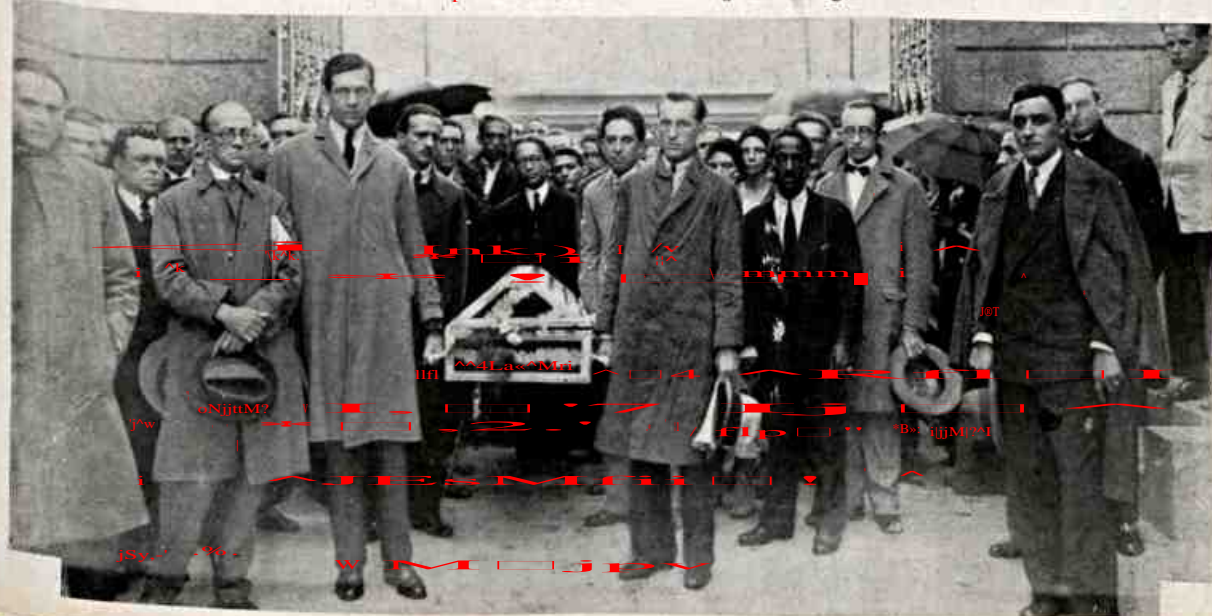
A' beira do tumulo que se abria para o infortunado poeta, falaram cinco amigos de Hermes-Fontes: Povina Cavalcanti, Porto da Silveira, Oswaldo Orico, Armando Cardoso e C. de Paula Barros. Todos disseram palavras de infinita saudade e infinita angustia, que augmentaram as lagrimas dos presentes.

Depois, baixou á sepultura a materia que encerrára, durante 40 annos, o grande espirito do maior poeta brasileiro destes dias atormentados do nosso seculo.

* * *

A nossa pagina fixa dois detalhes dos funeraes de Hermes Fontes, quando o corpo deixava a residencia da rua Conselheiro Lafayette, em Copacabana, e quando chegava ao cemiterio.

* * *

FON-FON fez-se representar no enterro de Hermes Fontes por uma commissão composta de seu director, sr. Sergio Silva, e dos nossos companheiros Martins Capistrano, Lelio Vieira Machado, Ary Sergio da Silva e Renato Palmeira. Ainda sobre o feretro mandámos collocar uma corôa — homenagem do pessoal desta casa ao seu mallogrado collega.

Dezembro

HERMES - FONTES, no seu tragico designio, escolheu a noite de Natal, o mez festivo da Natividade do Deus-Menino, para se refugiar na grande noite da Eternidade. Elle o fez conscientemente, sem duvida. Porque ninguem melhor do que elle soube sentir, como poeta, os doces encantos do derradeiro mez do anno. Ahi está, para comproval-o, o seu formoso poema «Dezembro», que extrahimos do seu livro «Despertar!...»

Dezembro em meu paiz! Ao pôr do sol, dir-se-ia,
o Azul se amplia,
o céo augmenta, a terra augmenta, augmenta o mar.
Que espectaculo! E' que hora de harmonia!
E' que ventura, na melancolia!
E' que sereno orgulho, no pesar!

As montanhas estão mais altas, como á espreita,
esforçando-se para alongar o horizonte,
para ver, através
da paizagem, de fronte,
todo o cyclo orographico, que a estreita:
E, por subir mais alto, as ondas, mansas,
têm a curiosidade das crianças
e parecem ficar na pontinha dos pés...

Dezembro em meu paiz! Os bairros miseraveis
são, neste mez de festas,
mais alegres, talvez, que os bairros nobres.
— Que saudade, nas almas dos velhinhos!
Que amor, nas dos mendigos veneraveis,
tacteantes nos caminhos!
Que alvoroço feliz nas casitas modestas
das mulheres do povo e dos meninos pobres!

E' que riqueza a desses pobrezinhos,
por este mez de Deus, de tantas festas,
em que os sinos têm voz de passarinhos
na gaiola da torre, e os proprios dobres
são tão alviçareiros e joviaes
como uma algaravia de pardaes!

Natal em minha terra!
Dezembro em meu paiz!
Que encantadora ingenuidade encerra
a legenda que diz
ser o Menino-Deus cidadão brasileiro
— tanto, que poz aqui seu cofre e seu celleiro,
tão amigo que elle é do meu paiz!

A estas horas, lá longe, o frio é tanto!
Néva a aldeia, Jesus!
Nem o céo a protege com o seu manto!
No emtanto, a mão de Deus nos é tão leve,
que, emquanto noutras terras cáe a neve,
aqui a neve cáe ardendo em luz!

E' que thesouro, na scenographia
das tardes longas, pôr-de-sóes sangrentos,
quando, ao morrer do Dia,
ha estremecimentos
cyclopicos, titanicos, maiusculos,
como si os Deuses e os Titans — reconciliados —
resurgissem de nós, maravilhados
na representação divina dos Crepusculos!

E, quando a noite desce,
tão carregada de constellações
que mais parece o céo uma Arvore de Estrellas
ao alcance das nossas Illusões...
— Que bem, nas almas! que extase, entretêl-as
no milagroso balsamo da Prece
e no entresonho das Recordações!

HERMES FONTES

Fugindo á vida...

HERMES-FONTES desertou da nossa companhia.

Já agora não faz parte da caravana sonhadora do Fon-Fon.

Apagou-se a luz gloriosa do seu espirito, e nós aqui estamos inconsolaveis, com a penna suspensa e o cerebro torturado, estarrecidos deante da brutalidade do destino do Poeta que fugiu ao convivio do nosso coração.

Ao estreital-o ao peito, ha dias, com a effusão de sempre, e ouvindo as mesmas palavras de carinho a que me acostumára a sua alma bonissima, longe estava de suppôr que era esse o nosso derradeiro encontro.

Conhecendo-lhe embora a vida amargurada dos ultimos tempos, não suspeitava siquer que Hermes-Fontes estivesse preparando pelas proprias mãos a sua partida para junto das estrellas...

Mas, despertado da grande surpresa, comprehendo perfeitamente o seu gesto tragico.

Fatigado da inveja dos homens, da maldade alheia, viuvo do seu immenso Amor, só lhe restava a felicidade de encontrar na morte o socego, a paz que nunca tivéra em vida.

Curvou a cabeça e seguiu o seu destino.

Cumpriu a vontade dos Deuses desse Olympo encantado que só os Poetas ousam penetrar!

Quebrou-se a lyra de oiro, cessou o canto de quem foi, no panorama da poesia brasileira contemporanea, o expoente maximo da sua belleza.

Quando do apparecimento, em outubro, ultimo, de A Fonte da matta, o ultimo livro do querido companheiro, nestas paginas brancas tentei esboçar qualquer coisa do que havia vislumbrado através a leitura do volume.

Então, affirmei que não havia necessidade do Poeta fazer testamento, abrindo a todos, simples e ingenuo, o coração.

Felicidade, que já foste minha...
eu tenho inveja da felicidade!

* * *

Ao subir hoje as escadas do Fon-Fon, tenho a nitida sensação de que penetro numa casa vazia...

Paira um silencio mysterioso sobre todas as coisas, e nós, os que ficámos, apenas nos fazemos comprehender pelo olhar.

Uma lagrima deslisa em cada face.

Saudade do Poeta?!

Mais, muito mais.

E' que nós sentimos perfeitamente ser Elle insubstituivel na caravana sonhadora de Fon-Fon.

Poeta de raça, como de raro em raro apparece, deslumbrou e ha de ficar perpetuado na galeria dos nossos maiores joalheiros do verso.

Viveu, soffreu!

E fugindo á vida, silenciosamente, no isolamento da sua casa deserta de todo o carinho, não viu realizado o sonho de acordado que teve ao escrever Romantismo, supremo poema da Dôr:

.. ..

Ter o consolo de te vêr chorar,
ser feliz de te vêr arrepender...
Adoravel prazer,
consolo salutar...

Pois com certeza, a hora de morrer
seria a hora de resuscitar...

MARIO POPPE

A beira do tumulo de Hermes-Fontes

S[illegible] foi um dos amigos de Hermes-Fontes que mais intimame[illegible] privaram com o glorioso artista [illegible] apotheose, foi, tam[illegible]m, a primeira voz que se ergu[illegible] colada, á beira do tumulo [illegible] poeta e nosso querido e [illegible] companheiro.

E' a se[illegible] sentida oração com que o li[illegible] scriptor de "Telhado de Vir[illegible] despediu do seu grande amig[illegible]

"Meu pobre amigo!

Poucos saberão, como eu, medir a profundeza do desconforto moral que te arrastou aos extremos desta hora tragica. Poucos terão lido na tua alma de criança grande aquella doçura interior, que era ingenua o amorosa, e para a qual a vida tão aspera não avelludou nunca o mais pobre refugio de ternura.

Sei quanto te foi inhospita a vida; quanto te foram indifferentes os proprios amigos; quanto te consumiu o amor, que em nós outros floresce e dá frutos.

Tiveste o predestino do soffrimento; nasceste para cruzar de pés nús uma estrada cruciante.

Nesse calvario só tiveste o conforto panoramico das estrellas, que eram o teu espelho celestial e que, por serem inattingiveis, augmentavam as tuas ansias e te atiravam cada vez mais para fóra da vida o da razão!

Meu amigo, meu pobre amigo! Na noite de hontem, quando meus olhos rasos dagua pousaram sobre o teu vulto, estendido no divan, tendo ainda á mão, meio cahida, a arma nickelada que te varou o cerebro, eu vi estampada no teu rosto uma serenidade que fôra preciso a morte para te dar. Em vida nunca a encontraste, nem nos teus dias mais apparentemente felizes...

Já agora a posteridade celebrará a tua gloria, e tu a ouvirás, do fundo do mysterio impenetravel, como uma voz da justiça, que não falha.

Apressaste, apenas, este julgamento, que seria infallivel. Cansou-te o deserto da vida, sem o lume de um amor. Morreste orphão de uma saudade, e foi por isso que a tua arte — Poeta maior do meu paiz — não te bastou.

Deus de misericordia: guiae pelos vossos infinitos caminhos a alma do meu pobre amigo; perdoae-lhe como está escripto na vossa oração. Assim tambem elle perdoou os seus amigos e inimigos."

De joelhos...

(Pensando em Hermes-Fontes)

Deus-Su[illegible]mo, a quem tanto amo, em quem tanto creio,
Leva [illegible] Sêr afflicto ao teu bondoso seio...

Soffr[illegible] posso mais. A Vida é uma tortura
Sem p[illegible] sem Amôr. Anseio a sepultura.

Prefiro [illegible]usar solennemente morto
No chá[illegible] Nada — num estranho e turbido Hôrto.

Outros ai[illegible]am o ouro e os bens que o Mundo encerra;
— Con[illegible]m-me, Senhor, sete palmos de terra...

Dá que eu goze com a Morte um lugubre noivado,
Na fria solidão de um tumulo isolado.

Viver deve, quem tem a humana lealdade,
Os outros, morram, sem causar pena ou saudade...

Si me impuzeres esta existencia de abrolhos,
Aqui me tens, Senhor, tira-me a luz dos olhos...

Que eu fique surdo e não mais ouça os sons e os beijos,
E mudo fi[illegible] e não mais diga os meus desejos...

E' mis[illegible] n'Alma ter indomitos gemidos,
Par[illegible] blasphemar perdendo estes sentidos...

Deu[illegible]premo, a quem tanto amo, em quem tanto creio,
Le[illegible] teu Sêr afflicto ao teu bondoso seio...

SOLFIERI DE ALBUQUERQUE

O mercador de sonhos

O homem, embuçado até os olhos, fitando com precaução a rua, afim de certificar-se de que ninguem o via, entrou, apressado, na velha pharmacia, que conservava uma porta sómente encostada, apesar do adeantado da noite. Uma luz muito fraca illuminava o interior do estabelecimento. Ninguem alli. O homem bateu palmas. O mesmo silencio. Mais palmas, irritadas agóra. Da semi-escuridão surgiu uma figura alta e magra, que se adeantou para o visitante, com visiveis gestos de desconfiança. Meio curvado, as mãos enclavinhadas sobre o peito mirrado, uns olhinhos de coruja brilhando atráz dos oculos de aros dourados, o pharmaceutico acercou-se.

Cahiu a capa que cobria os olhos do homem. Uma cara de chinez, horrivel, caricáta, appareceu. Abrindo um pouco os olhos amendoados, ele perguntou, pondo á mostra uma carreira de dentes grandes e amarellos, ponteagudos como seixos limados:

— Grande sortimento hoje? Meus freguezes encommendaram-me muito e eu me fio na sua palavra...

O pharmaceutico sorriu, estranhamente:

— Serás satisfeito, Hong-Láo! Bem sabes que não prometto em vão...

Dirigiu-se a um armario que abriu, descobrindo duas minusculas gavetas. De uma dellas tirou uma caixinha vermelha, que collocou sobre o balcão. Cinco vidros iguaes, com rótulos de remedios, se enfileiraram ante o chinez. Este avançou para os vidrinhos, com o olhar cubiçoso. Desconfiado, o ignobil pharmaceutico segurou-lhe a mão:

— Não, Hong-Láo! Primeiro o "arame"... depois o "remedio"...

Duas cedulas fôram postas em suas mãos.

— Vale o dobro o meu "medicamento." Ou me dás mais, ou elle fica aqui, á espéra de um comprador mais generoso... Ninguem te venderá essa maravilha tão barato, Hong-Láo!

Resmungando, o chinez lhe passou mais uma nota. O outro sorriu, satisfeito. Tornou a collocar os vidrinhos na caixa vermelha, que passou ao chim. Este occultou-a depressa no interior do capóte.

Em seguida, espremendo os olhinhos sinistros, recommendou ao estranho commerciante:

— Para outra vez, ópio tambem... Muitos o preferem. Dizem que adormece melhor...

— Pois sim, Hong-Láo. Tel-o-ás em breve... E silencio, para o teu proprio bem...

Os dois cumplices apertaram-se as mãos. Hong-Láo olhou com receio a rua. Depois, ligeiro, deitou a correr, sem voltar-se para tráz, como uma corça perseguida por matilhas, apertando com carinho ao peito a caixinha que lhe daria uma fortuna...

* * *

ELLA foi a unica que não poude comprar cocaina. Não tinha dinheiro algum. Os admiradores já lhe faltavam, agóra que a sua belleza se tornava crepuscular. Viu as outras companheiras ganharem o seu quinhão, em tróca do dinheiro que passavam ao vendedor. E, allucinada, os olhos em febre, a bocca pegajosa e as mãos tremulas, aproximou-se do chinez.

— Uma gramma, uma gramma só, Hong-Láo! Por piedade! Na outra vez que aqui vieres, eu te pagarei. Juro-o! Não tenho dinheiro agóra. Mas hei de arranjal-o em poucos dias. E tu serás pago com generosidade. Tem compaixão de mim, Hong-Láo! Bem sabes que eu nunca te roubei. Oh! Todas as outras ganharam, só eu fiquei sem a minha parte... Dá-me uma gramma... Uma grammazinha só... Eu te pagarei [illegible]... Por misericordia, Hong-Láo!

O chinez teve um riso alvar. Em seguida, cravando o dedo osseo no peito da rapariga, disse, pausado:

— Dinheiro, dinheiro, minha bella... Ou dás dinheiro, ou eu me fico com a cóca.

Ella teve um gesto de desespero. Ergueu-se. Passou a mão pelos cabellos do chim. Chegou o seu rosto ao delle. Sorriu. E o seu sorriso era uma promessa. Hong-Láo afastou-a um pouco de si. Examinou-a, como entendedor. Ella teria, quando muito, uns vinte e cinco annos. Mas o vicio a estragára. Seus olhos eram sem brilho, os cabellos escassos, os dentes sujos e quebrados. Não tinha carnes o seu corpo esguio, de ossos salientes. Toda ella cheirava a miseria e cansaço. O chim empurrou-a com asco para longe. Não. Aquella mulher não valia uma gramma de cocaina.

Ella atirou-se aos seus pés. O chinez não se commoveu. Viu que seria inutil tentar convencêl-o.

Desvairada, enfiou a mão dentro do seio. Retirou dalli uma medalhinha de oiro com dois brilhantes cravejados. Um retratinho de criança alli sorria, com graça e innocencia. A infeliz beijou-o, commovida. O seu filhinho... O anjo que ella abandonára, annos atraz, fascinada pelas palavras de um homem que dissera amál-a e depois a atirára naquella vida de misérias... Toda a recordação do seu passado de amôr... O marido, tão bom, tão amoroso e gentil... O retratinho do filhinho, que nunca a abandonára na sua vida desregrada, como lembrança do seu melhor amôr... Ia agora trocal-o, por uma gramma miseravel de veneno! Vacillou. Pensou, porém, na felecidade momentanea, nos sonhos azues, na bemdita loucura causada pela dróga...

E, com lagrimas nos olhos, o coração cheio de desejos e cheio de remorsos, deu-o ao chinez. Elle examinou a joia. Era ouro bom. E os brilhantes... A desgraçada teve o seu quinhão.

Ella deitou a correr pela casa a dentro, á procura do seu aposento, onde iria conhecer horas de ventura, suaves momentos de febre e esquecimento... E, no seu delirio, bemdisse o mercador, o vendedor de sonhos, que lhe daria de novo a illusão da felicidade perdida...

* * *

HONG-LÁO estava satisfeito. Ganhára como nunca. Aquella medalhinha, principalmente, valia uma fortuna. Abriu-a. No seu desvario, a desgraçada nem se lembrára disso. Tirou a photographia da criança e atirou-a fóra. O retratinho cahiu numa poça de agua suja, onde ficou a sorrír, perdoando, talvez, á mãe leviana e desgraçada...

... E, pela rua a fóra, contente pelo negocio que fizéra, foi-se o vendedor de sonhos, sem saber nada da tragedia da pobre tysica, que lhe déra o seu unico consolo e a sua unica fortuna por uma gramma do veneno branco, com que se atordoar e esquecer... esquecer...

CONTO DE
Lucia de Moraes

ILLUSTRAÇÃO:
PAULO WERNECK

Arvore do Bem e do Mal

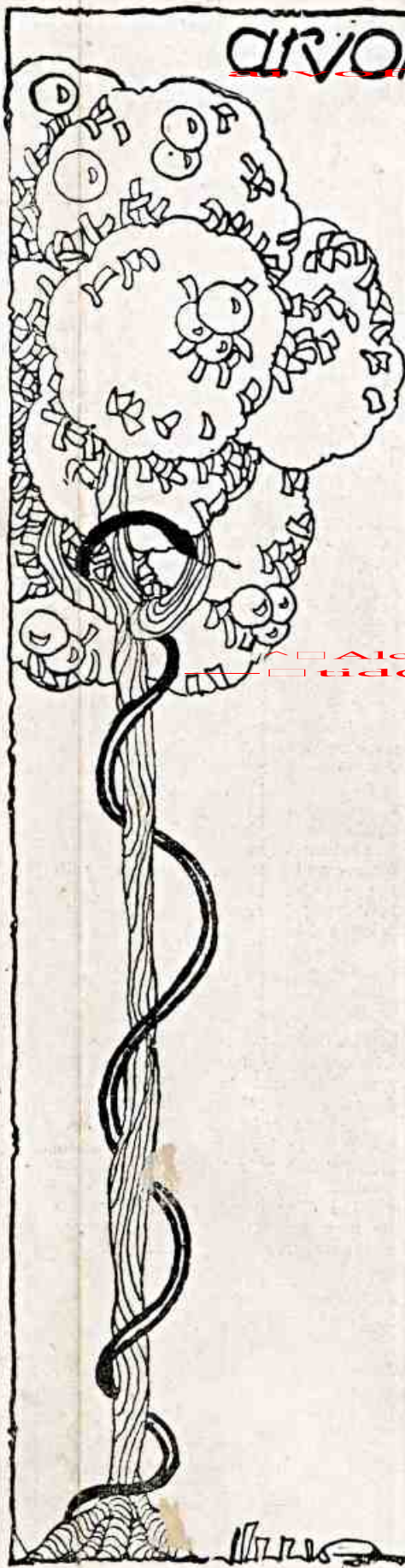
Claudio França

Meu Natal

Eu nunca acreditei em Papae Noel. Na minha terra pobre, obscura e distante, esse frequentador das mansões ricas não costumava apparecer. E o meu lar era tão esquecido e tão mesquinho, que elle ahi jamais poria os pés. Além disso, aquella região árida, resequida, batida de muito sol, não convida a um passeio o velhinho da neve, embrulhado em pelliças e costumeiro a supportar por cima dos telhados o frio mortal dos invernos europeus.

Eu nunca acreditei em Papae Noel. Havia lá onde nasci quem collocasse o sapato ou o chinelinho sobre o tecto da casa ou á janella do quarto, para que nelle os anjos puzessem as suas dádivas deliciosas. Eu nunca puz as minhas sandalias rôtas ao peitoril, porque sabia que os anjos não olhariam para ellas...

E toda a minha vida procedi assim. Mas este fim de anno, para tentar a sorte, fiz o que nunca havia feito e o que jamais deveria fazer. Offereci meus sapatos á benevolencia e á generosidade dos poderes occultos. E os encontrei cheios de decepções...

Creio que foi porque nunca acreditei em Papae Noel...

FAIANÇAS

A FAMILIA TERREMOTO

A maior curiosidade que ha na minha rua, não é o facto della se encravar na encosta de um morro verde, onde, biblicamente, as rezes pastam, na relva fresca e raza; não é a fome voraz de affecto e de beijos, de algumas melindrosas sapécas, caricatamente vestidas de amarello, enfeitadas de rosa, e que usam meias brancas, ao anoitecer, quando se atracam a amofadinhas vazios de idéas e de tudo; não é aquelle piano maldito, que batuca, insanamente, sambas e fox-trots... Não é aquelle par de matronas, que se derramam, á tardinha, sobre as janellas da rua, bufando de calor e fealdade, bisbilhotando a vida de Deus e o mundo...

O que ha de mais notavel na minha rua, meus senhores, é a "familia terremoto".

Ah! é allucinante! Não se pode fazer uma idéa!

Ha, na "familia terremoto", tres ou quatro senhoritas. De 19 a 35 e picos. E' uma escala soberba. Ha tambem uma curiosa mistura de typos entre ellas: — desde a branquinha semi-loura á mestiça dengosa, mulatinha candente, legitima não-me-toques...

Juntemos a isso um cachorro feroz e um papagaio mineiro.

O vinho ali corre abundante, á hora do jantar, como nos festins orgiacos de Baccho. Resultado: as pequenas, um pouco incendiadas, caem na farra com os namorados. O pae fica inerte. A mãe vira valente. O cachorro ladra como um damnado. O papagaio grasna, numa algazarra infernal. A victrola ensurdece.

No meio de tudo isso, surge um garoto da casa, com uma *patinette*, que rola na calçada, irritando-nos a paciencia e os nervos.

A's onze horas, quando as mulatinhas voltam, a madame se capacita do seguinte: 1.º — ellas acham dinheiro no meio da rua; 2.º — passeiam de automovel; 3.º — encontram bombons e casquinhas de sorvetes no jardim... Tudo isso de parceria com os namorados.

A dona da casa não acredita nos milagres. E, assim, emquanto o pae resona, como um justo, ainda sob a acção entorpecente do vinho, o pau ronca nas costas das melindrosas.

Crises de nervos. Berreiro das que apanham. O ladrar do cachorro. O grasnar do papagaio. Palavras, palavrões & palavrinhas, — que se cruzam no ar.

Em torno, a vizinhança não prega somno. Vive num sobresalto constante.

E' de enlouquecer!

Durante uma semana, andei á procura de uma expressão que definisse bem aquella gente diabolica.

E a m[illegible]or que encontrei [illegible] — "a familia terremoto".

Yves.

Uma linha de estatua grega. Um lindo sorriso que encanta. E' uma belleza cearense: Mlle. Evangelina Saboya de Albuquerque, filha do illustre magistrado dr. José Saboya de Albuquerque.

Balcão Florido

A CANÇÃO DA SAUDADE

MEU amor, meu grande amor — Tenho a impressão de que lhe escrevo com tinta feita de lagrimas, uma tinta *gris-perle*, estillada nos vasos mais puros do meu coração, para fixar nesta pagina toda a minha inquietação interior.

Meu amor, meu grande amor, talvez você não me comprehenda, não. E, talvez, sem comprehender esta angustia da minha solidão e sem ouvir o éco deste clamor do desespero, sorria, quasi indifferente, para dizer-me, depois, que a sua "creança" nunca será bem um homem, como se todos os homens que amam pudessem deixar de ser a creança grande que sempre serão!

Meu amor, o crepusculo que desce e vela de cinza e de mysterio a natureza, as coisas, os sêres, enche de sombras minha alma e meu coração...

E, dentro da tarde que morre, a plangencia dos sinos, que parecem chorar, espalha seus rythmos de bronze no ambiente de melancolia e de saudade da minha solidão.

Meu amor, tenho saudades de você. Saudade do seu beijo morno e confortante como um vinho loiro e generoso. Saudade da suave doçura de sua voz cheia de canções de amor. Saudade da caricia fresca de seus braços. Saudade do perfume floral que se desprende de todo o seu ser. Saudade do refugio tranquillo do seu collo macio. Saudade da caricia illuminada de seus olhos negros, que são a luz da minha vida...

Meu amor, a aza inquieta das ultimas andorinhas risca, no céo crepuscular, o adeus da despedida, antes do recolhimento ao aconchego quente dos ninhos...

E eu me sinto tão só... E você não vem. E você não volta para o seu ninho amigo, querida e ingrata andorinha da minha saudade!

Ser só... A angustia e a afflicção de viver só...

A immensa solidão dos desertos immensos desce sobre mim, sempre que você está ausente.

Em vão os rythmos de ansiedade e rebeldia de minha alma, a supplica, em surdina, das minhas préces e as vozes, e os gritos, e os clamores de meu coração pedem o conforto e a consolação — que só você — você e mais niguem, meu amor — me sabe dar...

Meu amor, meu grande amor: tudo aqui, tudo que me cerca me fala de você. E eu lhe tenho "presente", sempre "presente", minha adorada ausente!

Sua alma, todo o seu ser, eu o sinto aqui, no perfume da saudade em que você me deixou.

Meu amor, faz-se noite e, no céo, as estrellas têm estremecimentos de caricia nas pupillas illuminadas.

E eu me sinto tão só... E você não vem para a realidade do sonho nupcial do meu amor!

Le foyer, la lueur étroite
[de la lampe.
La rêverie avec le doigt
[contre la tempe
Et les yeux se perdant
[parmi les yeux aimés;
L'heure du thé fumant et
[des livres fermés;
La douceur de sentir la
[fin de la soirée;
La fatigue charmant et
[l'attente adorée
De l'ombre nuptiale et
[de la douce nuit...
Oh! tout cela mon rêve
[attendri le poursuit
Sans relâche, à travers
[toutes remises vaines,
Impatient des mois, fu-
rieux des semaines!

E você não vem... E eu me sinto tão só!

Se, ao menos, tambem você se recordasse?

Souviens-toi. Le grand lit
[s'ouvrait dans l'ombre
[large,
Pareil à quelque livre
[austère et medité
Où ton corps fastueux
[semblait inscrire en
[marge
Le poème du sang et de
[la volupté!

HELIANTHO

A senhorita Dolores Cruz, que é uma galante figurinha de mulher, intelligente e bonita, acaba de concluir o curso superior de commercio no Instituto La-Fayette, onde sempre se distinguiu pelos encantos de seu espirito e da sua graça pessoal. Filha do sr. Fortunato Cruz e da escriptora Rachel Prado, a senhorita Dolores Cruz recebeu o seu diploma na solennidade do dia 13 de dezembro findo, quando foi alvo de carinhosa homenagem por parte das suas numerosas amiguinhas e collegas.

Um grupo de pequenos alumnos do Collegio Aldridge, em companhia do director daquelle estabelecimento, e alguns de seus professores, num dia de festa escolar.

Pequenos perfis

(A Mme. Bertha M. Aldridge)

FUI, hontem, ao Collegio Aldridge, a este magnifico estabelecimento de ensino, da praia do Flamengo, que em si realiza, no campo da pedagogia pratica, um extenso e real programma de educação methodica, em que processos e fins, alvos e meios, se alternam em uma ordem maravilhosa e productiva.

O grande collegio parecia descansar da canicula exhaustiva do dia cheio de luz e de calor intenso. Entrei: cerradas as innumeras janellas, desertos os pateos e jardins; em todo canto, e recanto o grande silencio da deserção. Nas salas, não mais o resoar de vozes a repetir lições; nos campos de recreio, não mais correrias de crianças e o tumulto de gritos de alegria e de prazer; nos corredores, não mais o perpassar de pequenitos apressados; em tudo e em toda parte a penumbra, o silencio, o grande silencio de um todo que repousa e que espera.

No salão de visitas, silencioso tambem, encontro, sobre elegante mesa, umas photographias: são grupos dos alumnos do curso preliminar, que, reunidos antes da debandada para as férias, deixaram gravados, atravès da objectiva, as caritas risonhas, cheias de luz intensa nos grandes olhos sem malicia. Lindos perfis feitos de encanto e de graça!

Olho, contemplo e revivo, nesse conjuncto de crianças, que já não estão aqui, que foram para longe ou perto, cada um em demanda de seu lar, para junto dos paes extremecidos.

Vejo a interessante Yvonne, a filha querida dos directores do estabelecimento, na sua silhueta toda graciosa e leve, na floração physica dos seus cinco annos, reveladora de uma intelligencia precoce, de uma vontade firme, que promette vencer, vencer a todo custo, no correr da vida. Junto della, com lindo «bouquet» de rosas no pequenino collo, fina, elegante, cheia de uma graça que me faz lembrar as figuritas de «biscuit» do seculo XVIII, contemplo Maria Thereza Rodrigues Simões, essa pequenita de cinco annos tambem, que, insuperavel em recitativos em francez, portuguez e ingle[illegible] o encanto do ja[illegible] de [illegible] de todo o colleg[illegible] irmãozinho Alber[illegible] parece meditar [illegible] des a vencer pa[illegible] te de valor. [illegible] petiz com um palmo de cutum e envergadura de diplomata, que economiza sorrisos, todo convencido da importancia dos seus sete annos, e que, durante e após a revolução, ao entrar no collegio, vinha mostrar o lenço vermelho que guardava no bolso, dizendo: «Olhem, sou revolucionario; não me podem prender»...

E o Jorginho Rocha Marco[illegible]es? Fragil como haste de flor miu[illegible], intelligente como poucos, elle me fazia pensar nos pequenos «garçons

(Continua na pagina 40)

Vinte e cinco sorrisos do Jardim da Infancia do Collegio Aldridge.

PEQUENOS PERFIS

(Continuação)

d'honneur» da côrte de Luiz XV. E o Manoel Barroso? E o Afranio de Lemos? E os outros todos do Jardim de infancia, que, na exposição annual do Collegio Aldridge, apresentaram maravilhas de habilidade em trabalhos escolares de construcções, desenho e modelagem?

Mas, cada um dos pequenos e das meninas parece reclamar o seu perfil inconfundivel. Destaco a physionomia risonha de José Macedo, alumno da 1.ª classe, que demonstrou ter excellente capacidade de raciocinio, e disposição decidida para calculos rapidos. O Edson Macedo dos Santos, de uma inconfundivel inclinação para o desenho, de temperamento meigo, estudioso e intelligente. E o pequeno Sylvio Mercateli? Foi o interessante orador official da turma infantil, que, no dia do anniversario de Mrs. Aldridge, teve a ousadia de repetir um discurso em quatro linguas: portuguez, francez, inglez e italiano, e o fez com tanta perfeição de pronuncia e de gestos, que revelou admiraveis qualidades de tribuno, que um dia colherá louros de eloquencia magnifica. Da mesma classe lembro o Anthymio de Miranda, insuperavel em traquinagem, e que só obedecia quando se lhe falava com uma certa energia misturada a um pouco de sentimento.

E de sentimentos me fala a physionomia de Luiz Jacyntho dos Santos, da 1.ª classe superior: sentimentos de applicação, de bôa vontade, reveladores da educação primorosa que teve no lar, nos primeiros annos da infancia.

Paulo Gladulich, da mesma classe, é um bom alumno, que prestou excellentes exames, e que ha de vencer nas conquistas escolares, porque tem intelligencia e força de vontade, e sabe que seus paes dedicados acompanham, com profundo interesse, a acção educativa do collegio onde o filho estuda com aproveitamento.

Com proveito immenso, estudam tambem os alumnos das 2.ª e 3.ª classes, e não lhes ficam atraz as aluninas que da photographia que contemplo parecem perguntar: «E nós? Nada merecemos? E o nosso perfil? Não quer traçal-o?» De todas, é impossivel; são tantas... Precisaria que FON-FON me cedesse todas as suas paginas, por uma semana, ao menos. Mas, um leve bosquejo das mais estudiosas: da Yvonne Bernardino de Campos, por exemplo, dessa alumna da 3.ª classe, que alcançou o 1.º logar do collegio, obtendo uma média absoluta. Essa menina applicada e modesta, tão encantadora no seu modo de agir e de dizer — mesmo em trabalho de agulha, foi das melhores, sem contar a Violeta Aldridge, do curso de admissão, que apresentou sete trabalhos bem confeccionados. Desirée Francia, Judith Souto Maior e outras, todas do curso commercial e gymnasial.

Mas, voltemos ao curso preliminar, pois ha alumnos que não devem ser esquecidos; o Mario Mello Filho, o Carlos Alberto, o Ayrton Soares, o Affonso de Carvalho e o Carvalhaes, um rapagão levado como poucos, mas com um coração excellente, que mais de uma vez me disse: «Quando estou perto da senhora, tenho vontade de ser bem comportado, de ser estudioso, de ser bom, porque não me reprehende, porque me aconselha e me anima». E o Sousthenes de Miranda, um pequeno artista em desenho e um conquistador nas outras materias?

E esse futuro artista, esse talento que me apparece lá no centro da ultima fileira do grupo, robusto e decidido — esse inesquecivel André, filho adorado do sr. Sergio Silva, director do FON-FON, essa revista que marca época no jornalismo carioca, no Brasil inteiro, pela formosura do seu conjuncto e pelo valor de seus escriptos? Quando, após algumas li-

(Conclúe na pagina 42)

O acto do interventor federal no Estado do Rio, dr. Plinio Casado, designando para o cargo de prefeito de Therezopolis o dr. Ruben Moitinho, foi recebido com as mais legitimas e expressivas manifestações da sympathia e confiança publica. A escolha recahiu, de facto, no nome de um patricio digno e competente engenheiro, que vinha exercendo, com proficiencia, o cargo de fiscal de emprezas e companhias de serviços publicos do Estado do Rio e que, ha pouco, regressára da Europa e da America do Norte, onde tomou parte em varios congressos technicos.

A posse do novo director do Lloyd Brasileiro, dr. Mario de Almeida, cuja designação para aquelle alto cargo foi recebida com as maiores e mais justas sympathias, foi uma cerimonia que se revestiu de expressivo brilhantismo. A gravura acima focaliza um flagrante do acto, vendo-se o illustre director-presidente da nossa mais importante empresa de navegação cercado de altos funccionarios do Lloyd, representantes das autoridades publicas e das classes conservadoras, jornalistas e numerosas pessôas gradas, que, depois da cerimonia, apresentaram seus cumprimentos ao dr. Mario de Almeida.

O ministro Oswaldo Aranha, que regressou ha dias de Poços de Caldas, tendo concorrido desembarque, conforme documenta a primeira photographia desta pagina, recebeu, sabbado, uma expressiva homenagem dos seus collegas da turma de 1916, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, os quaes offereceram a s. ex. a espada de general. Essa solennidade realizou-se na egreja de N. S. do Rosario e della offerecemos aqui dois aspectos photographicos.

O City Bank Club offereceu aos seus associados, na noite de sabbado ultimo, nos salões do Club Nacional, uma brilhante festa de despedida do anno de 1930.

PEQUENOS PERFIS

(Conclusão)

ções de desenho, o André me apresentou um esboço de sua invenção, em que havia algo de original e futurista, não me pude conter, e lhe disse com enthusiasmo: «Si você perseverar, será um grande artista»... E elle sorriu, feliz — esse garoto que conta apenas 11 annos, e que agora está longe, em gozo de férias, sem pensar, talvez, nas lições passadas e no futuro artistico que o espera.

E um futuro radiante para todos os alumnos aguardam os educadores do Collegio Aldridge, porque, no recinto escolar, elles aprendem a lutar e a vencer, adquirindo essa auto-confiança illimitada que dá coragem para superar, no presente, as pequenas difficuldades da vida collegial, preparando-os para os grandes embates da vida domestica, civil e social que lhes reserva o porvir.

Aura Marina.

ALMAS DE LAMA E DE AÇO

Saboya Ribeiro, jovem e talentoso escriptor cearense, escreveu a Gustavo Barrozo, a proposito do seu ultimo livro sobre o cangaceirismo nordestino, estas palavras:

"Acabo de ler *Almas de lama e de aço*.

Dentro da sua unidade de estudo do cangaceirismo, no Norte, seu theatro, ha nelle de tudo: o sociologo, o historiador, o folk-lorista, mas tambem esse pitoresco que faz delle, não raro, uma obra de puro interesse emocional, como se fosse a propria ficção. Esta impressão, sobretudo, tive-a ao ler o capitulo *Dom Sebastião no Nordeste*. Que bello romance, á *Os brilhantes*, do nosso Rodolpho, não se contem naquellas situações que você evoca tão admiravelmente! Ninguem o faria melhor do que você; por que o não escreve?

O seu livro é obra de um patriota tambem; no fundo, sobretudo, de um patriota.

Dil-o bem a maneira como encara a questão do cangaceirismo, aprofundando-lhe as causas. Tudo, em summa, pura questão de governos...

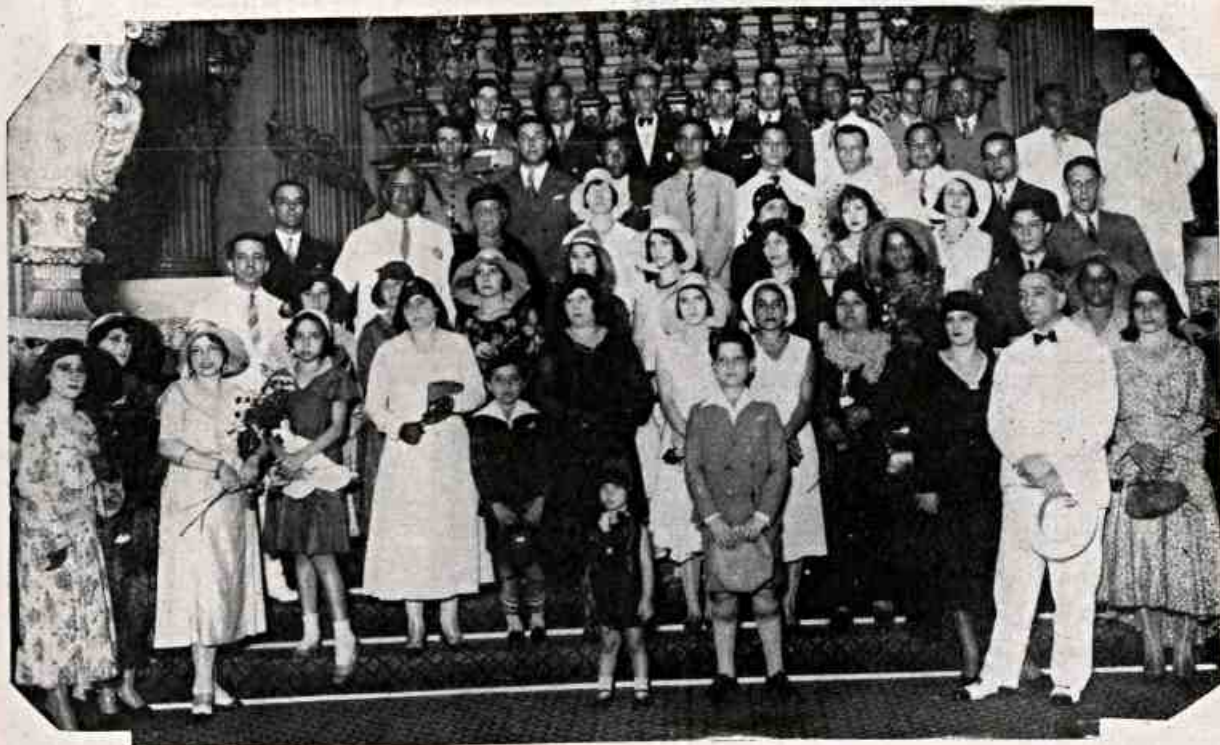
Nas suas criticas peculiares, está todo o programma proficuo de extinguir-se a grande praga: "a lavoura desenvolvida, as vias de communicação faceis, as escolas abundantes, e efficientes, a industria e, pairando acima de tudo, a honestidade da administração e a seriedade da justiça"...

Admiro-lhe a força de independencia com que faz historia, não calando nomes, seja para focalizar a irresponsabilidade de um Moreirinha, a arteirice de um Floro Bartholomeu, ou, ao revez, para debuxar o caracter nobre e inconspurcavel de um Benjamin Barroso.

Oxalá mereça o seu livro uma attenção grandemente reflexiva dos nossos homens de governo, neste momento em que se propõem a sanear a Patria e em quem todos confiamos, inclusive você, estou certo, em quem sempre deletei um incontido revoltado contra aquelle estado de cousas, que morreu a 24 de Outubro com a Revolução triumphante.

(7 - Nov. - 930).

Saboya Ribeiro"

Na residencia do sr. R. Protheroy, alto funccionario da Light, realizou-se, na noite de Natal, uma festa em que houve muita alegria e muita animação.

Os odontolandos da turma de 1930 da Universidade do Rio de Janeiro mandaram celebrar, na egreja de S. Francisco de Paula, no dia da sua collação de grão, uma solenne missa em acção de graças pela sua formatura.

Filigranas

Meu coração está ferido. A injustiça golpeou-o covardemente, vilmente...

Lá fóra, na loja do vizinho, uma victrola enche os ares com o clangor da marcha triumphal duma opera antiga. E é como si eu ouvisse o rumor que fez no passado a minha mocidade esperançosa... Hoje, os cabellos brancos povoam-me a cabeça, as rugas começam no meu rosto altivo. E as esperanças são como uma revoada de folhas mortas que o vento da tarde espalha...

Meu coração está ferido. A injustiça golpeou-o covardemente, vilmente...

* * *

Ha vinte annos sôam e resôam para mim os clarins da luta. Ha vinte annos combato dia a dia pela minha vida. Ha vinte annos não tenho um minuto de repouso e, mal repillo uma investida do inimigo, outros se apresentam em campo, armados de ponto em branco, forçando-me a uma nova batalha. Ha vinte annos dura sem treguas essa árdua peleja e eu não mando dar o toque de retirada, esperando sempre e sempre ouvir a marcha batida de victoria...

Os alumnos do professor A. Tenorio d'Albuquerque realizaram, no salão da Associação Christã de Moços, uma exposição de trabalhos escolares.

Os 7 Dias de

"O Processo de Tilly Ferrantes"

Tentação.

NO vasto salão do tribunal de uma conhecida capital, a actriz Tilly Ferrantes, sentada no banco dos réus e empallidecida pela emoção, ouve a leitura do libello que a aponta como responsavel por um crime de morte. A ré parece sentir, como pontos de fogo, os olhares cheios de odio da senhora Moeller, principal testemunha de accusação e progenitora da victima. E, embora se tenha confessado innocente desse crime, Tilly relata perante a Justiça a historia de sua vida, entre phrases que, em busca de recordações, começaram titubeantes, para terminar fluentes e apaixonadas.

Fôra por occasião do espectaculo de despedida de uma companhia de operetas, em Berlim, que a estrella Tilly Ferrantes projectara uma viagem de automovel com um certo conde, seu amiguinho. Mas um desentendido entre os amantes destroe esse lindo sonho de aventuras. Por esse motivo, Tilly regressa á sua villa, desesperançada das venturas que esse passeio poderia proporcionar-lhe.

Chegando á casa, a linda actriz encontra a sua collega, senhora Moeller, que fôra pedir-lhe uma pequena somma emprestada para poder ir visitar seu filho Jorge, que trabalhava como actor num theatro da provincia.

Tilly attende a esse pedido e, entre lagrimas, susurra ao ouvido da visitante: "Tu, ao menos, sabes a quem pertences, ao passo que eu..."

Como que desejosa de consolar Tilly, a senhora Moeller convida-a para ir comsigo em visita a Jorge e, só por essa noticia, Tilly afugenta de si a tristeza e recobra o animo da alegria. Na manhã seguinte, as duas mulheres partiam de trem para a cidade provinciana.

Não tardou que Jorge se inflammasse de paixão pela linda e encantadora estrella da ribalta, nem tão pouco custou a Tilly tomar-se de amores pelo esbelto e elegante joven, tão differente daquelle conde que, outrora, occupara o seu coração. Escoam-se deliciosamente duas semanas de felicidade, mas, durante esse tempo, ha um coração que sangra: um coração de mãe. A senhora Moeller presente que Tilly vae roubar-lhe o amor do seu filho...

Passados alguns mezes, Tilly volta a ser o ponto de convergencia da vida da capital. Novas occorrencias apagam certas recordações e Tilly sente-se um pouco constrangida quando, de repente, um visitante inesperado, na pessoa de Jorge, surge naquelle ambiente elegante. A saudade da mulher querida levou esse moço á presença de Tilly, mas esta, agora, pensa differentemente: o amor que ella lhe dedicava, antigamente, afigura-se-lhe desagradavel, pois que os modos pessoaes de Jorge têm para Tilly, nessa nova atmosphera, um aspecto improprio e provinciano.

Delirio.

FON-FON no Cinema

com:

LIL DAGOVER
IVAN PETROVICH

Ella quasi se envergonha delle; comtudo, tendo bom coração, tolera-o, pelo profundo e sincero amor que Jorge lhe dedicava. Indirectamente faz-lhe chegar ás mãos algum dinheiro e facilita-lhe um bom contracto. Jorge sente-se feliz e estuda com afinco o seu papel, como collaborador da fascinante actriz, sem notar o menor perigo para o seu amor.

Um dia, o titular surge novamente na vida de Tilly, que, entrementes, tendo aprendido os mysterios da vida, pede desculpas ao conde por tel-o, um dia, considerado um homem sem alma, porque o contacto diario com Jorge lhe ensinara a sentir que é mais importante ser-se conceituado e discreto do que impetuoso e apaixonado. E dessa fórma Tilly recomeça aquella velha amizade.

Não tardou que Jorge soubesse do reatamento dessas relações e quando, certa vez, descobriu uma valiosa joia que o conde presenteara a Tilly, dá-se uma scena horrivel entre elles. Durante a altercação, Tilly, ouvindo as offensas que o rapaz lhe atirava á face, revida-lhe no mesmo tom, tachando-o de um aproveitador da bondade e da fraqueza de uma mulher. Profundamente revoltado, Jorge retira-se e vae para casa de sua mãe.

No dia seguinte, realizou-se a estréa da peça em que Tilly e Jorge serviam de protagonistas. A scena final exigia uma luta entre esses personagens, e, ao terminar, mostrava Tilly atirando com um revolver sobre Jorge. Nunca a ribalta apresentou um trabalho tão natural e tão fiel como o que era executado naquelle momento... Mas o revolver que, então, Tilly usou, estava carregado de balas legitimas.

Uma alma em revolta.

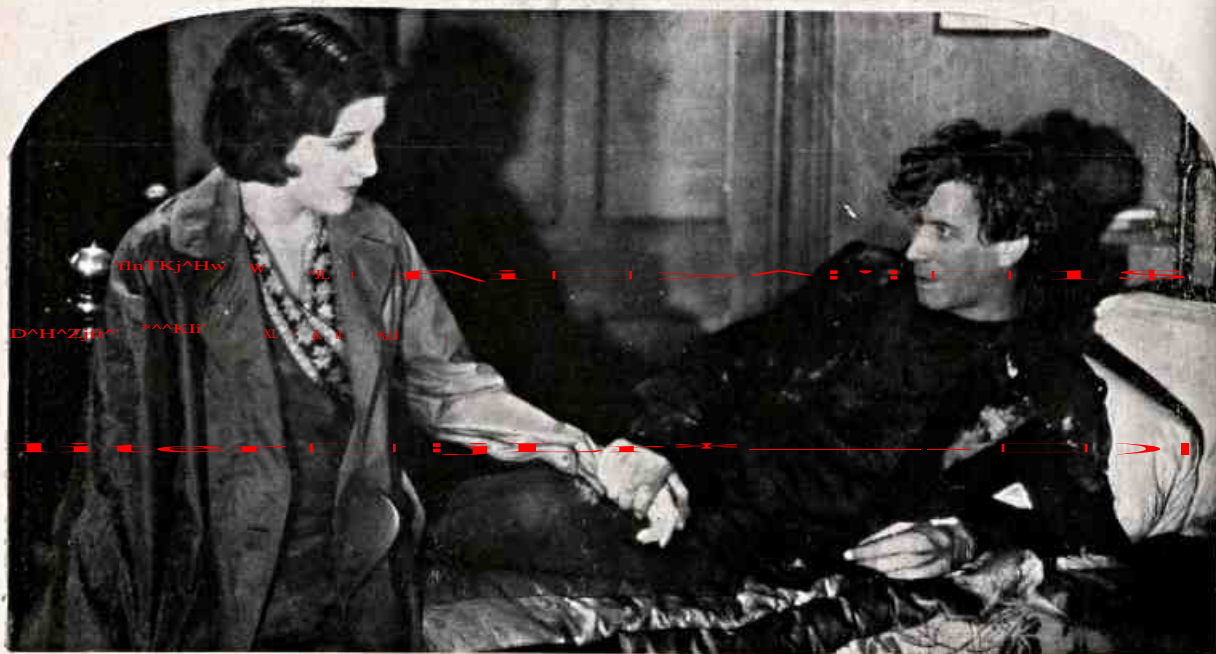
Terminou, assim, a declaração da linda actriz, perante os jurados. Segue-se a inquirição das testemunhas: ao chegar a sua vez, a senhora Moeller affirma que Tilly Ferrantes é a assassina de seu filho. O promotor publico, depois de desenvolver varios argumentos de natureza juridica, provando a responsabilidade da ré, termina sua peroração, pedindo a pena de morte.

Ha um silencio sepulchral no auditorio. Tilly perde os sentidos. De repente, ouve-se um grito abafado. A mãe da victima levanta-se e pede para fazer uma ultima declaração. Attendida pelo presidente do Tribunal, a desolada mãe declara que, realmente, Tilly matara Jorge, mas que este, no leito de morte, lhe confessara que fôra elle mesmo quem, ás escondidas, carregara a arma assassina. E, ao findar essa importantissima revelação, a martyrizada senhora diz que procurara guardar esse segredo, não podendo comtudo fazel-o, porque, em sua consciencia dolorida, se manifestara o peso do remorso.

Dois corações que sonhavam.

Intimidades.

O Trahidor

Titulo original:
"THE INFORMER"

NUNCA Francis Mc-Phillip, nem os do seu bando, com o seu chefe Gllagher, poderiam suppor que a porta, lá em baixo, désse entrada a um commissario de policia. O bando havia sustentado renhido fogo com os do bando adverso, e conseguira rechassal-os, e quando de novo a porta se abrira, era de suppor que voltavam elles á carga, e por isso Francis desfechára a sua arma, fazendo tombar o pobre policial. Agora só lhe restava fugir, ausentar-se para a America, deixar aquella Londres em que sempre vivéra, deixar, mais que tudo, Katie Fox, a sua amante, que pertencia ao seu bando tambem. Mas era preciso, e elle se esgueirou para algumas milhas dalli distante, á espera do momento de embarcar, conforme Gallagher lh'o mandasse dizer. Foi-se, e logo Katie Fox se deixou levar pela lábia de Gypo Nolan, um outro da quadrilha, a quem aliás ella já dedicava uma profunda sympathia, e a quem não se chegára ainda principalmente por causa da presença do pobre Francis McPhillip, que era um doente... E Francis, que tudo ignorava, quando recebeu o aviso de que poderia partir, foi a Londres ver a amante e a pobre mãe afflicta. A amante... Elle foi encontrar Gypo Nolan installado ao lado della. Comprehendeu mesmo que precisava ir e foi tambem despedir-se de sua mãe. Mas Gypo o vira sahir de sua casa e, cheio de ciumes, ao vel-o penetrar no armazem da Mamãe McPhillip, com a alma em fogo, dirigiu-se ao primeiro commissariado de policia a denunciar aquelle a quem procuravam. Entretanto, o pobre Francis, depois de beijar a velha mãe, escrevêra uma carta ao seu amigo, socegando-o a respeito de Katie, pois que elle se ia embora para sempre, e a mamãe McPhillip sahira a pôr a carta no correio, quando viu a sua casa cercada pela policia, ouviu o renhido tiroteio que se trava, e viu — oh! horror! — o corpo do seu filho que tomba lá de cima, do terraço do ultimo andar!

E Gypo? Elle recebêra as vinte libras esterlinas que eram a paga da delação. Não quizera acceital-as, pois que não denunciara por dinheiro, mas mechanicamente embolsou a esportula e se

Vingança.

Elle queria confiar nella.

foi, cambaleante, ao ter a noticia do que succedêra depois. Logo encontrou Katie, que lhe veiu explicar o que se passára entre ella e Francis e, ao saber ella o que fizera o seu amante, disposta a se sacrificar por elle, combina innocental-o.

O bando desconfia da delação e do delator, sem provas contra Gypo, mas essas provas chegam bem depressa e elles se resolvem pegal-o para castigal-o. Gypo ia sahir de Londres e na estação esperava o trem, quando se viu na necessidade de dar todo o dinheiro que possuia, o dinheiro de Judas, para salvar uma pobre moça a quem um desalmado queria reter por dividas. E ella, agradecida, lhe deu uma photographia sua, com dedicatoria expressiva. Gypo se foi para logo se sentir agarrado pelos do seu bando. Elle consegue escapar-se e os do bando o suppõem victima de um desastre, apanhado por um trem, quando na verdade consegue, embora ferido, chegar á casa de Katie. Esta o esconde, mas eis que Gallagher vem para lhe trazer a noticia do desastre e morte do amante, e ao mesmo tempo para consolal-a, mostrando-lhe o

Com:

Lia de Putty

Warwick Ward

Producção da

"British International Pictures"

Perdão.

retrato da pequena com a dedicatoria a Gypo... E Katie, cheia de ciumes, denuncia a presença do amante. Agora ella espera que elle acorde, emquanto Gallagher vae buscar os do seu bando para capturar o delator. E foi só quando elle voltou a si, e lhe contou a felicidade que sentia, por ter, com o dinheiro da delação, que perdera um, salvo outra pessôa, que ella comprehendeu todo o horror que praticára. Era tarde, porem, pois que Gallagher chegava com os seus amigos. Mas Gypo Nolan está cançado de soffrer a angustia da espera do castigo e se resolve apresentar. Elle abre a porta... E logo um estampido...

Os assassinos se evadem, a correr, emquanto elle, tropego, désse as escadas, para atravessar a rua e penetrar em um templo, quasi em frente. E quiz o destino que elle fosse encontrar lá dentro, orando pela alma do filho, a pobre mãe Mc-Phillip, a quem elle confessou o seu crime de delação, para receber o perdão daquella pobre mãe, perdão com que elle se saciou, para ir, pouco depois, morrer sorrindo, á soleira do portão da egreja...

O delirio do alcool perturbava-lhe a alma.

A BODEGA

PELOS aridos caminhos dos Pyreneus, um joven, com aspecto de camponez, esporeia o seu cavallo. Dois carabineiros o perceberam e sáem em sua perseguição. Como não podiam alcançal-o, alçam os seus fuzis e disparam... O cavallo arranca e o joven procura segurar-se, agarrando-lhe nas crinas.

Chega a um cortiço. Firmino e Maria da Luz sáem a recebel-o. Vendo-o gravemente ferido, dão-lhe pouso. Maria da Luz dispensa-lhe suas caricias e cuidados.

Nisso chegam dois policiaes para prendel-o. E vão penetrar na habitação, quando Maria da Luz os distráe, offerecendo-lhes o melhor vinho que dá a terra. Ao entrarem no quarto, Raphael occulta-se por traz da porta e salva-se.

Pablo Dupont é um rico proprietario de vinhedos, mas Elvira, sua esposa, é quem dirige o movimento dos negocios. Com elles vive o seu sobrinho Luiz que, junto com a sua prima, a Marquesita, leva uma vida desenfreada.

Raphael está curado e sonha com melancolia na vida rude do campo, que tem de reassumir. Recorda, na sua magua, o encanto que vinha das canções de Maria da Luz, quando iam juntos á nora. "Fica aqui, diz-lhe Maria da Luz; a teu respeito falarei com Dom Luiz e elle te dará emprego na fazenda. Fica por nosso amôr".

Raphael acquiesceu e dom Luiz satisfez aos desejos de Maria da Luz, cuja formosura o tinha encantado. Agora, Raphael conta com um emprego na Quinta de Manta Zuela, a poucos kilometros da casa de Firmino. Dom Luiz está cada vez mais apaixonado por

Que bateria!

Idyllio campestre.

Maria da Luz e a Marquesita se enamora de Raphael. Com o pretexto da vindima, os dois chegam a Mantozuelo. A Marquesita termina por seduzir Raphael. Dom Luiz offerece uma festa campestre ás campesinas. Raphael encontra-se ao lado de Marquesita, que termina por embriagal-o de amor. Dom Luiz ordena que se solte um touro que acaba por martyrizar Dolores, mas Raphael procura salvar da morte a pobre moça, porém em vão.

Depois dessa tragica festa, dom Luiz installa-se na casa de Firmino, pae de Maria da Luz. Após havel-a perseguido por todas as partes, ao terminar a festa, consegue embriagal-a e Maria da Luz entrega-se, acreditando que os beijos que recebe sejam de Raphael...

No dia seguinte, envergonhada de sua conducta, despreza Raphael, o homem a quem ella tanto ama. O pae de Maria da Luz deseja e quer mesmo que dom Luiz repare o seu mal, casando-se com a moça. Deante de uma recusa formal por parte de dom Luiz, Firmino o estrangula. Depois, o pobre assassino quer partir para a America, mas Raphael exige que lhe conte o segredo e o pae confessa que dom Luiz havia deshonrado Maria da Luz, o seu grande e incomparavel thesouro. Firmino comprehende a luta que se trava no coração do joven.

— O vinho, disse, foi a causa de tudo... Promette-me que voltarás a ver a minha filha e que lhe levarás o perdão de seu pae...

Ao partir, Firmino ainda lhe recommenda que não abandone a sua querida Maria da Luz. Raphael encontra Maria da Luz em desespero, junto da nora, a reflectir no que occorreu. "Teu pae perdôa-te..." "E tu?" "Nunca!" Diz esta palavra com o coração despedaçado e monta em seguida o seu cavallo... Mas logo volta, chega até Maria da Luz e agarra-a pela cintura, collocando-a na garupa do seu corcel, sumindo ambos, depois, na poeira da estrada, em busca de outros logares onde os espera uma grande felicidade depois de tão grande desgraça...

Mais tentadora que o vinho capitoso.

Um flagrante da distribuição de estojos contendo navalhas Valet ás praças do Regimento Naval. A Auto Strop do Brasil esteve ali representada por elementos da nossa alta sociedade, que fizeram a entrega dos estojos em questão.

NATAL DA MINHA INFANCIA

Com que saudade — e com que tristeza! — evoco a alegria singela das festas do Natal na minha infancia!...

Minha avó materna — bôa velhinha que Deus levou ha muitos annos — apegada aos costumes tradicionaes da sua aldeia, preparava, com carinho e desvelo, a nossa consoada, aquella ceia abençoada da vespera do Natal, farta de comezainas saborosas, não menos copiosa em alegria e risos francos de creanças.

E a nossa bôa velhinha brincava tanto, como si nessa noite voltasse a ter uma alma em plena infancia.

Nossa bôa mamãe — que tambem já está com Deus — dava-nos brinquedos e roupas novas, sem a intervenção de Papá-Noel.

Ella nunca se permittira illudir-nos, nem mesmo com a mentira innocente e encantadora do velhinho lendario...

Nos meus primeiros annos, quando outras creanças me contaram que um velho bom, pelo Natal, á calada da noite, lhes enchia os sapatinhos de brinquedos — tive o meu primeiro despeito e a minha primeira antipathia, por esse Papá-Noel imprudente, que se atrevia a se esquecer de mim, ou a não me conhecer...

Pensaria elle, porventura, que as outras creanças mereciam mais do que eu?...

Minha mamãe desvendou-me todo o mysterio de Papá-Noel.

Pude, então, sorrir dos meus companheiros.

Elles sabiam, agora, menos do que eu...

Mattos Além

Grupo tomado após a missa que foi celebrada em acção de graças pela passagem do jubileu do Laboratorio Almeida Cardoso.

UM NOME LITERARIO

DIZEM que nós, os brasileiros, somos sonhadores. De quem é a culpa?

O nosso céo, sempre azul; os poentes, maravilhosos, em côres indescriptiveis; as noites mysticas, coroadas de estrellas, tendo aos pés o crescente da lua, carregando ás costas o Cruzeiro do Sul; a graça bizarra das palmeiras farfalhantes, esguias, espirituaes; esse perfume de selva, penetrante, embriagador, que nos perturba os sentidos; quanta cousa linda que nos faz sonhar!

Assim, por culpa da terra — exuberante e bella — nós nos sentimos escriptores, poetas...

E, sonhadora tambem, tomei da penna, pondo-me a escrever. Foi quando surgiu Yára do Rio. Agora vou contar porque escolhi tal pseudonymo.

Oriunda de duas familias nortistas, nasci no Rio, porém passei a minha infancia no norte. Quando meus olhos curiosos começaram a vêr, eu me encontrei entre os costumes desse povo simples, que guarda comsigo a verdadeira tradição do Brasil. E, assistindo ás festas populares da Bahia e Pernambuco, os meus nervos aprenderam a vibrar. Que naturalidade, quanta alegria, nesses folguedos!

Nas feiras, nas festas de egreja, havia sempre um *mamolengo* — uma especie de "guignol" — cujos personagens, engraçadissimos, muito faziam rir os presentes.

E o *bumba-meu-boi!* Recordo-me, tão bem, quando assisti, pela primeira vez, á sua representação em Tigipió! Os personagens — o capitão do matto, o vaqueiro, o boi, o Matheus e o medico — faziam as suas proezas numa especie de circo. E o boi pulava, dançava, ficava doente, morria e resuscitava, para a alegria dos meus oito annos. Naquella noite, adormeci julgando escutar, ainda, o côro a cantar:

— Eh! bumba-meu-boi... Eh! bumba-meu-boi...

Os pastoris, com os seus cordões rosa e azul, tambem fizeram a delicia dos meus primeiros annos. E vinham o anjo bom e o máo, o velho, as pastoras...

Como eu achava deslumbrante a chegada da cigana, cheia de medalhinhas, com duas tranças cahidas e um pandeiro enfeitado de fitas multicôres! A assistencia desses pastoris tinha as suas predilecções — parte pertencia ao cordão rosa, parte ao azul — o que, muitas vezes, fazia a festa terminar em desordem. No ultimo dia, iam todos queimar a lapinha; isso era motivo para que muitas pastorinhas chorassem, pensando que, no anno seguinte, talvez não estivessem vivas.

Quando era bem pequenina, — morava, então, na Bahia — assistia, cheia de curiosidade, aos reisados. Para mim não existia coisa mais linda! Os ranchos, compostos de moças e rapazes, representando flôres, borboletas, ou simples pastores, andavam pelas ruas entoando os seus canticos. Quando um desses ranchos chegava em frente á casa que ia visitar — si bem que os moradores tivessem sido avisados previamente — encontrava as portas e as janellas fechadas. Então o bando se punha a cantar:

— Oh! de casa nobre gente,
Escutae e ouvireis,
Que da banda do Oriente,
São chegados os tres reis!

Oh! senhor dono da casa,
Mande entrar, faça favor,
Que do céo estão cahindo
Pinguinhos d'agua de flôr!

Inda bem
Ha de vir!
Que somos de longe
Queremos nos ir...

Ahi abria-se a casa, onde já havia muitos convidados, e o rancho entrava. Era o grupo recebido com muita alegria, havendo, á sua espera, lauta mesa de doces e bebidas. Depois de varias cerimonias, de comerem e dançarem um pouco, elles se iam, rumo a outros lares em festa.

No emtanto, a minha recordação mais nitida, é aquella que se refere aos festejos de S. João. Parece-me ainda ver os preparativos para o grande dia: As rumas de milho verde e côcos, para o preparo das cangicas e manués; as macacheiras, batatas doces e os carás, que seriam assados na fogueira crepitante; a confecção dos bolos, dos beijús e das tapiocas molhadas no leite de côco; o preparo das sortes para as balas de estalo; e a chegada maravilhosa dos ambicionados fogos.

Na vespera de S. João, rara era a familia que não armava a sua fogueira e, á noite, todas accesas, faziam pensar que a cidade se estivesse incendiando. Emquanto isso, dentro das casas, queimavam-se os fogos de salão, dançava-se, comia-se, tiravam-se sortes...

As sortes! Como eu — ingenua criança! — acreditava na sua efficacia... Eram sem conta as que se realizavam: a tesoura aberta, de pontas para cima, fazendo girar uma urupema; a clara de ovo, no copo cheio dagua, posta ao relento; a faca enterrada no caule da bananeira, fazendo o tanino apparecer, na lamina, a inicial do futuro consorte; as pessoas que, á meia noite, se miravam nas aguas das cacimbas, na esperança de se verem espelhadas; as peças pregadas ás moças, quando alguma dellas, com a bocca cheia dagua, se ia esconder atraz da porta, esperando ouvir um bonito nome de homem e escutando chamar por algum preto velho; e tantas outras, tantas outras sortes, todas tão inverosimeis, mas que possuiam o dom de fazer vibrar a alma simples do povo.

Pelas ruas, jovens de vestidos brancos, coroadas de flores, cantavam:

— Capellinha de melão
E' de S. João;
E' de cravos, é de rosas,
E' de mangericão...

Os homens, de luvas de couro, soltavam bombas e busca-pés. Os destemidos, cheios de fé, pulavam, descalços, as fogueiras onde se assavam milho e a canna. E, lá no alto, rivalizando com as estrellas, os pontos luminosos de mil balões.

Pela madrugada, iam todos banhar-se no rio, cujas aguas possuiam propriedades miraculosas até o romper do dia. E, emquanto uns se punham a gritar: "Acorda, João!" — outros, fazendo côro, cantavam:

— Oh! meu S. João,
Eu vou me lavar;
Si eu cahir no rio,
Mandae-me buscar...

Quando a manhã raiava, todos, trazendo no peito uma esperança, regressavam aos seus lares. E, ao longe, ainda se escutava algum retardatario que cantava:

— Oh! meu S. João,
Eu já me lavei;
As minhas mazelas
No rio deixei...

Noites de S. João, bellas noites da minha infancia descuidosa, como estaes longe, saudosas noites!...

Ah! o norte, esse norte que é o verdadeiro Brasil, com as suas lendas, seus indios, suas historias de almas e assombrações; com a mula sem cabeça, a mãe dagua, e o boto namorador; com os seus fructos saborosos, suas comidas caracteristicas e as suas caboclas formosas; suas praias, seus coqueiros, e suas jangadas; ah! esse norte, é bem a minha terra querida!

Eis porque sou:

YÁRA DO RIO

GARÔA.

MAIS um anno que se vae...

Agitado, cheio de nuvens escuras, falando no turbilhão que vem sacudindo o mundo nos seus mais solidos alicerces, o velho 1930 arruma definitivamente o seu bahú.

Anno que marcou o centenario do romantismo, tirando-lhe todos os symbolos, apagando-lhe os ultimos reflexos com uma displicencia quasi cynica, é algo despeitada a indifferença com que prepara a sua partida...

Penso nos lampeões de gaz que desappareceram das nossas ruas; lembro as metralhadoras que ainda ha pouco serviram para guerrear irmãos contra irmãos, e imagino como deve pesar toda essa bagagem sobre os hombros enfraquecidos do nosso hospede de trezentos e sessenta e cinco dias.

Mais um anno que se vae...

Mais outro que vem...

Com o seu arzinho arrogante de menino bonito, de roupa nova, trazendo como bagagem apenas uma *valise* de couro fino.

Oh, aquella *valise!*

Si a gente pudesse entreabril-a um pouco!

Quanta coisa linda não veria!...

Mas o recem-chegado não permitte nenhuma indiscreção; a pequena mala está bem fechada aos olhos curiosos de toda a humanidade.

E ella, a eterna ludibriada, mesmo sob os fócos de electricidade, mesmo materializada pelo bisturi do progresso, imagina, sonha, deseja o conteúdo daquella *valise* mysteriosa que o novo anno vae trazer.

Lá estão as esmeraldas da esperança, os rubis da illusão, as saphiras da felicidade!

Para os enfermos, ha lá dentro gottas que dão saude, e para os desprezados, os filtros que dão o amor...

Para os pobres, a riqueza sempre arisca; para os ricos, a paz que nenhum dinheiro compra...

E a humanidade de hoje, que em nada crê, que de tudo zomba, deixa-se embahir por essa *boite de surprise* que faz parte da *pose* desse almofadinha que surge na madrugada dos *réveillons*, entre os apitos agudos das machinas e as martelladas nos postes das ruas...

Si a gente pudesse entreabril-a um pouco...

Para que?

Não nos desejamos uns aos outros um feliz anno novo, acariciando, de leve ou profundamente, a idéa de que, nesse grande punhado de dias, haja uma occasião, uma opportunidade para encontrar essa que sempre procuramos em vão, que por uma fatalidade qualquer está sempre longe de nós?

Felicidade. Haverá surpresa mais linda, presente mais desejado que esse hospede gentil nos puzesse offerecer?

E não estará ella justamente nessa incerteza, nesse não saber o que contem a *valise* do recem-chegado, essa *valise* que parece leve como um sonho e talvez tenha o peso de uma cruz?

Porque, não saber, meu amigo, não é, com certeza, ser feliz, mas é, talvez, menos cruel, menos amargo que saber...

COLOMBINA.

Notas de Arte

OSCAR D'ALVA

THEATRO LYRICO. — Mais uma prova da capacidade da gente brasileira para a arte lyrica: a representação no Theatro Municipal em a noite de 19 de dezembro, da opera de Puccini — *Soror Angelica* — e da pantomima de Fernand Beissier, musicada por Mario Costa — *Historia de um Pierrot*.

Realizaram o bello espectaculo alumnas das escolas de canto do maestro Salvatore Ruberti, da profª. Roxy Shaw, da escola de bailados da profª. Klara Korte, com o concurso desta ultima professora, do prof. Ricardo Nemanoff e de uma orchestra de 70 professores, regida pelo Maestro Ruberti.

Abstrahindo-se da circumstancia essencial de não se tratar de cantores profissionaes, foi bem apreciavel a exhibição da opera de Puccini. E se se attender a essa circumstancia, pode affirmar-se então que se assistiu a bella representação lyrica.

Todas as cantoras cooperaram com mais ou menos talento, com mais ou menos estylos, para o exito da audição.

A srª. Itala Repeto Cortez, na figura de Soror Angelica, não nos deu a principio impressão de destaque, mas depois deixou-nos realmente emocionado. Representou e cantou com bella voz e melhor arte a scena e duetto do parlatorio. Pareceu-nos então uma artista feita.

A srª. Edméa Montanari, no pequeno papel que lhe coube, não pôde revelar todos os seus bellos dotes de cantora, mas deu á personagem especial relevo, interpretando com muito agrado a alma de pastora sob o burel de freira. Foi encantadora Soror Genoveva. Outro nome a destacar, a srª. Gulnar Bandeira Stampa, que muito realçou a figura da Mestra de Noviças.

Mas quem mais nos impressionou pela belleza e raridade da voz, apesar de se achar visivelmente indisposta, foi a srª. Ada Martins. Na scena e duetto do parlatorio, foi digna emula da protagonista. Não se soube que mais admirar, se a vida com que viveu cantando e representando o dramatico momento, Soror Angelica, a srª. Itala Cortez, se a belleza vocal da interprete da Princeza, tia de Soror Angelica, a senhora Ada Martins.

Chamou-nos ainda especial attenção a afinação dos côros e a belleza dos scenarios, o que não é muito commum, mesmo em companhias lyricas de nome feito.

A orchestra scintillou com notavel brilho sob a batuta do maestro Ruberti. Brilhou ainda mais em *Historia de um Pierrot*, do que em *Soror Angelica*, porque naquella a musica instrumental apparecia só, em toda a plenitude do seu proprio valor, sem dependencia dos cantos.

A pantomima de Beissier teve bellos interpretes. Foram verdadeiros artistas que lhe representaram os principaes papeis. A srª. Klara Korte, em Pierrot, e o sr. Ricardo Nemanoff, em Pochinet, viveram com os gestos todo o drama, e synchronizaram com artistica precisão a mimica e a musica. A srª. Margaret Read deu grande relevo á figura de Louisette, e muito apreciavel em Julot, o sr. Yucco Lindberg. Sobresahiram todas as dançarinas, podendo talvez destacar-se mais particularmente Amalia Costa e Vera Cardoso.

A pequenez obrigada desta chroniqueta não nos promette dizer mais, a não ser que todo o publico, relativamente numeroso, que enchia o Municipal, admirou e applaudiu o bello espectaculo.

CONCERTO SYMPHONICO: BURLE MARX E BIDU' SAYÃO. — Ainda um grande, um extraordinario triumpho para a arte lyrica brasileira: o concerto symphonico realizado no Theatro Municipal na tarde de 21 do ultimo dezembro, com Burle Marx na regencia da bella orchestra de 70 professores e como pianista acompanhando, e Bidú Sayão, como cantora.

Ouviram-se successivamente, além de alguns *extra* concedidos pela cantora: a 5ª *Symphonia* de Beethoven, o poema symphonico, *Moldau*, de Smetana, pela orchestra; e por Bidú Sayão, acompanhada pela orchestra, a aria da op. "Semiramis" — *Belraggir lusinghier*, de Rossini; acompanhada por 2 flautas, *Cantata*, de Bach; acompanhada por 1 flauta, *Recitativo e aria do rouxinol*, de um "Oratorio" de Haendel; acompanhada por piano — *Le chant des oiseaux*, *El Vito* e *Polo*, de Joaquim Nin, *El paño moruno*, *Nana Jota*, de Manoel de Falla.

Burle Marx pairou em elevado plano, dirigindo com especial mestria as duas obras symphonicas de Beethoven e Smetana. A interpretação dada pela orchestra brasileira, sob a batuta de Burle Marx, á grandiosa creação do mestre de Bonn, veio mostrar mais uma vez que a *Quinta Symphonia* merece bem o conceito de Goethe: "não emociona apenas, tambem espanta". Emocionou-nos todo o lyrismo do *Andante*, como nos espantou, nos empolgou a epopéa do *Allegro*. E como nunca, toda a assistencia vibrou de ardente e incontido enthusiasmo.

Bidú Sayão encantou, commoveu, arrebatou o auditorio, empolgado pela sua rara voz de soprano ligeiro e pela sua grande arte de cantar. Para nós, que, ha meia duzia de annos, ficámos decepcionados quando, indo ouvil-a como nova Patti — segundo a linguagem de certos jornaes italianos — ouvimos apenas uma cantora vulgar, cuja voz tinha o defeito de grande desigualdade dos registos, a ultima audição da artista foi uma notavel surpresa, nos causou emoção totalmente inversa da primeira. Ouvindo-a, ouvindo-a especialmente na aria de Haendel, ficámos de tal sorte inebriados, que parece não ser exagero dizer que Adelina Patti não devia cantal-a melhor. A arte de vocalizar, que fazia da celebridade espanhola a mais prodigiosa das cantoras, encontra na artista brasileira uma excepcional cultora. Foi de maravilhoso effeito o duetto da voz e da flauta. Fechando os olhos, ouvia-se o rouxinol cantando...

Quando citamos a aria de Haendel, não queremos dizer que nos outros numeros tenha revelado menos esplendores de voz e menos dotes artisticos, mas que apenas nesse canto se excedeu a si mesma. E' possivel até que tenha havido mais arte na aria de Rossini, pelo conjuncto de difficuldades que os profissionaes reconhecem nesse famoso trecho.

Nova revelação do genio da cantora foi a interpretação do cancioneiro estylizado de Joaquim Nin e Manoel de Falla.

Embora estivessemos ainda cheios da voz e da arte incomparavel de Vera Janacopulos, que, ha pouco, nos deu obras primas interpretando esse cancioneiro, nem por isso deixamos de nos emocionar ouvindo-o atravez desta outra gloria da arte lyrica nacional — Bidú Sayão. E a nossa emoção attingiu ao maximo, ouvindo uma das canções, *Nana*, ruidosamente bisada, e que foi cantada com tal arte que nos evocou a *Canção do berço*, de Mozart, interpretada por Alma Gluck.

Incontestavelmente, a sra. Bidú Sayão merece bem a fama de que hoje goza como uma das maiores cantoras do mundo contemporaneo.

Não terminamos sem assignalar que parte dos applausos á excelsa artista cabe tambem á orchestra e especialmente aos insignes flautistas que lhe foram parceiros na *Cantata* e na *Aria do Rouxinol*, srs. Pedro Vieira Gonçalves e Ary Ferreira.

GOTTAS...

O odio é feito de incomprehensões. O que comprehende, ama.

*

Toda a vida "vivida" tem a sua tragedia.

*

Quanta tragedia no mundo com apparencias idyllicas!

*

Ha sorrisos que são actos de heroismo.

*

Póde-se revelar tudo á alma; nada a assombra.

*

Virtude é o poder de elevar-se acima de si mesmo.

*

Quanta consolação em recordar! Mas quanta amargura tambem...

*

Não ha erro que não mereça perdão.

*

Caridade é amor. Caridade é bondade. Caridade é enthusiasmo. E é tambem felicidade.

*

Felicidade é perfeição. O homem feliz é o homem perfeito. E' o homem que recebe e acceita as alegrias e tristezas, as venturas e as dores como ellas são: como accidentes. Accidentes inevitaveis, mas passageiros, sem importancia maior na realização do destino. São os altos e baixos percebidos do cimo da montanha da vida.

*

Na guerra, as cicatrizes são mais gloriosas do que as medalhas. Apenas, nem sempre as cicatrizes se vêem e as medalhas se expõem aos olhos de todos...

*

No acto de julgar alguem, deve-se pôr o coração acima da razão.

*

Para julgar com justiça, é necessario conhecer profundamente (circumstancia, causas, meio).

*

Mais vale o juiz generoso do que o rigoroso.

Os desejos dos homens são varios, como as suas obras.

*

Que é o amor senão uma aspiração?

*

O espirito é fogo; — o pensamento e o sentimento são as suas labaredas.

*

Felizes os matrimonios em que são os caracteres que se esposam!

*

A leitura e a conversação são o melhor meio de educar o espirito. Mas são, tambem, o melhor meio de o estragar.

*

O nosso grande erro é não darmos valor á hora presente, é pensarmos que a hora que passa nunca é a hora decisiva.

*

Não ha fortuna nem prazer que valham uma consciencia limpa e uma alma pura.

*

Para muita gente, a gratidão é moeda.

*

Em amor não ha reconstrucções possiveis. As ruinas dos templos desmoronados devem ser respeitadas e conservadas.

*

O coração que ama é como o sol: o sol irradia o seu calor e a sua luz sobre todos os seres do universo, sem nada perder de sua substancia. O coração se póde dar uma, duas, tres vezes, e sempre se dá todo, pois, não perde nenhuma particula de si mesmo.

*

Não é possivel a estandardização do genio. O genio não se póde medir por um padrão.

*

Os genios não pertencem a um paiz, mas ao universo. Platão, Virgilio e Raphael tanto são da Grecia e da Italia como nossos.

REGINA RIZIERI

Typos da Rua

Por Astaroth

QUANDO uma cidade ultrapassa a conta de um milhão de habitantes, desapparecem os chamados "typos da rua", muitos dos quaes Mello Moraes Filho descreveu em um livro que o desenhista Flumen Junius illustrou.

No Rio do Seculo XIX, cidade de menos de um milhão de almas, pequena, de ruas estreitas e nenhum progresso, pullulavam os "typos da rua". O notavel escriptor que acima citamos descreveu no seu livro, entre outros, o "Castro Urso", a "Forte Lida", o "Tangerina", o "Philosopho do Cães", o "Não ha de casar", etc.

Não conhecemos esses typos, porque então não eramos ainda deste mundo.

Conhecemos outros mais modernos como o "Lyra", a "Perereca", o "Seixas" o "Pae da Criança", etc.

Relembrar essa gente, hoje, é mostrar á mocidade actual uma coisa que ella não viu nem verá, porque actualmente não é possivel se encontrar na capital do Brasil o verdadeiro typo da rua.

Um homem ou u'a mulher que apparecia um bello dia na cidade, sem que se soubesse donde viéra, onde e como vivia e que um dia desapparecia da mesma maneira por que chegára; um vivente que enchia de humorismo todo um bairro, que era conhecido por toda a gente, que não fazia mal a ninguem e a quem ninguem molestava, eis o que era o "typo da rua".

Ha trinta annos, todos aquelles que moravam na Fabrica das Chitas, ou no Macaranã, conheceram, por força, um pardo de meia idade, maltrapilho e sujo, ás vezes meio embriagado, dando sempre mostras de demencia pacifica e, por vezes, muito humorismo.

Esse homem apresentava-se frequentemente dizendo:

— Filemo Antonio Coêlo — vurgo "Lyra"; amador das moreninhas e querido das moças brancas.

Muito honesto e fiel, as familias serviam-se delle para recados e pequenas compras, o que elle executava com presteza e desembaraço.

Ordinariamente, o "Lyra" calçava velhos sapatos sem meias e trazia sobre si toda a roupa que lhe davam. Uma vez, elle se apresentou vestindo duas ou tres calças, outros tantos colletes, um frak e sobre este um paletó.

Alguem chamou-o e lhe disse:

— Oh! "Lyra"! Por que você não guarda parte dessa roupa?

— Os gatunos andam muito espertos e a minha casa não tem portas.

— Onde móra você?

— Eu? Sou como o perú; onde anoitece é que eu durmo.

Uma vez, a garotada do largo da Fabrica esperava o toque de alleluia para malhar um "judas" que se achava pendurado a um poste.

O "Lyra" compareceu, acercou-se do "Judas" e mirou-o por todos os lados.

Fez descer do poste a effigie de Iskariotes, mandou a meninada fazer roda e, despindo as calças que o "judas" vestia, trocou-as pelas que trazia.

Isto feito e como rompesse já a alleluia, o "Lyra" tomou de um bastão e no meio da meninada tomou parte na *malhação* do "judas" que lhe fornecêra umas calças mais novas.

E como commentassem o seu acto, elle respondeu:

— Elle ainda foi muito feliz, porque no tempo delle não se usavam calças.

O "Pae da Creança" foi bastante conhecido na cidade.

Era, porém, malcreado e respondia mal sempre que a garotada lhe gritava o vulgo.

Dizem que se tratava de um demente e havia até quem affirmasse que elle ficára "détraqué" em virtude de uma falsa accusação que lhe haviam feito, dando-lhe a autoria da infelicidade de uma joven.

Ha, tambem, quem affirme que elle não passava de um refinado malandro, que se fingia de demente para poder levar vida folgada, tendo deixado, ao morrer, avultada quantia em dinheiro.

Esse typo era popular, mas, longe de se parecer com o "Lyra", a quem todos acolhiam, o "Pae da Creança" era temido por causa do vocabulario immundo que empregava em altas vozes, o que o levou muitas vezes ás delegacias.

O "Seixas" era um typo tambem conhecidissimo e consta que passára á categoria de "typo da rua" depois de ter, como negociante, fallido e perdido avultada quantia. Não affirmamos, porém, que isso seja verdade.

Era elle um homem branco, já de idade avançada, cabellos grizalhos, baixo e andando quasi sempre sem chapéo.

Como todos os typos da rua, era o "Seixas" victima da meninada vadia e dos moléques vagabundos.

De vez em quando, elle parava, enfrentava a garotada e, com o dedo em riste, attitude ameaçadora, dizia:

— Olhem que eu mato um! Já comi as orelhas de meia duzia e posso comer mais algumas! Garotos sem vergonha! Ide dizer á vossas mães que vos dêm educação e serviço nesses lombos! Cambada de marrécos!

E seguia, apupado pelos meninos.

A' noite, o "Seixas" acercava-se de um dos kiosques de petisqueiras que então havia na praça da Republica, e pedia ao mercador:

— Vós não tendes, por ahi, alguma codea de pão que nunca tivesse sido comido?

O dono do kiosque juntava os restos de pães deixados pelos freguezes e dava-os ao "Seixas".

Dahi a pouco o "Seixas" dizia:

— Será que vós não tendes por ahi um restinho de café para eu poder molhar este pão?

O homem do kiosque apanhava o café em uma lata vazia e dava.

O "Seixas" comia todo o pão e, de novo, mostrando o café que sobrara, perguntava:

— Vós me deixareis sem um pedacinho de pão para acabar com este café?

Servido novamente, elle agora acabava o café, antes do pão, para logo reclamar:

— Será que vós me dareis sempre mais um pouco de café para que eu possa acabar este pão?

Isso se repetia até que o vendedor désse por findo o fornecimento ao voraz pedinte.

O "Seixas" contava por centenas as detenções por embriaguez e, á força de comparecer á frente dos inspectores de policia, conhecia-os já a todos, assim como sabia a que circumscripção policial pertencia qualquer rua da cidade.

Uma vez, elle dormia em uma sargeta na rua 1.º de Março, quando um policial o acordou.

— Levanta-te! Isso ahi não é lugar para se dormir!

O "Seixas" ergueu-se, olhou o policial, e disse:

— Vós acordaes a gente sem temerdes que com a vossa brutalidade possaes produzir uma syncope cardiaca?

— Vá; vamos para a delegacia.

— Que rua é esta?

— Rua 1.º de Março...

— Já sei; primeira circumscripção; conheço muito o delegado; bem moço! Vós tereis me acordado em pura perda! Vereis a vossa prisão relaxada.

Ahi estão retratados mais ou menos alguns dos typos que fizeram as delicias não só dos garotos, mas tambem de muita gente bôa, no fim do seculo passado.

Hoje, os "typos da rua" não podem apparecer.

Impede a sua apparição a policia, e mesmo a onda dos dois milhões de habitantes, que tumultúa no asphalto do Rio civilizado, não permitte que tal gente appareça.

UM ARTISTA

Por HORMINO LYRA

EM primeiro logar, ao respeitavel publico apresentamos o senhor Maia Bucho. O nome proprio delle é Antonio; tem Maia por sobrenome; Bucho é appellido que lhe conferiram os coestaduanos por ser memoravel glutão, muito conhecido e reconhecido pelos gastronomos.

Baixote, gorducho, era, no entender de outrem, eximio tocador de baixo. Quanto mais afundado numa baita camoéca, melhor tocava Maia nos bailes de certa capital por um triz nordestina. Dizem que tocava até dormindo.

Solteirão, algum tanto pernostico, vivia exclusivamente para si e para o *mutuca* que criara desde tenro bichano.

Vem certa vez de um baile, lá pelas cinco horas, consoante contava elle, quando apparece o bichano a miar, a acompanhal-o sem que atinasse de onde havia saido. Pega-o, leva-o comsigo, cria-o com zelo paternal e debalde a elle commette a guarda da casa.

*

Está apresentado o senhor Maia Bucho. Agora vamos apresentar o *mutuca*, seu amavel companheiro de morada.

E' *mutuca* o mais lindo, o mais original gato por nós conhecido. De dia, o maior trabalho delle é dormir; de noite, contemplar as estrellas.

Vê em bonita noite, que a vista não o engana, apparição luminosa na atmosphera: é um meteorite a cair do alto das regiões planetarias. Isso vivamente o impressiona; e nunca mais deixa de observar com summa attenção as bolinhas que brilham no céo.

Sempre arrepiado, não supporta carinhos. Não admitte se lhe faça caricia. Quando se lhe aproxima alguem, preguiçosamente, espia a pessôa que delle se acérca. Fica indifferente, si não é amimado; mas, si é afagado, sem o menor signal de porfia levanta-se e foge com celeridade.

A maior originalidade do gato consiste nisto: sorri. E' o unico que, até hoje, já vimos sorrir. Vimol-o sorrir com a ironia subtil de um grande espirito. Extraordinario! Não ha hyperbole no caso, nem encarecimento do facto. Tambem só sorri em dado momento: Quando encontra o dono a fazer uma soneca, debruçado sobre o encosto de uma cadeira, chega-se-lhe com maliciosa dissimulação, zás... morde os pés delle e sai a correr, a olhar para traz, a sorrir como determinadas creaturas humanas.

Nos amores *mutuca* não é differente dos outros: como todo gato, solta as suas clamorosas queixas. Quando a gata do vizinho, ciosa do talhe esbelto, nas suas travessuras felinas, de cauda erguida, perturba o socêgo de *mutuca*, elle, della se aproximando, chama pela predilecta com doçura e affecto extremo, amima-a com brandura e meiguice, fala-lhe baixinho e cégo de paixão é rodeado de mysterios.

De tempos a tempos desapparece, anda á gandaia, trasmonta gradeados, trepa cêrcas de madeira: vae ver outras namoradas, antigas companheiras de farras que moram longe.

Depois das entrevistas, dos colloquios amorosos, pacatamente torna *mutuca* á tranquillidade da casa amiga e protectora. Por dilatado tempo, não se mexe de onde está, ou dormindo horas a fio ou contemplando as bolinhas que brilham no céo e a scismar talvez: póde ser que alguma ainda lhe venha cair ao alcance e tenha elle a ventura de brincar com ella, dando-lhe pancadinhas com as palmas das mãos...

*

Apresentado o senhor Maia Bucho mais o *mutuca*, a cuja vida incidentemente nos reportamos, narremos agora a historia do homem e deixemos o bicho.

A casa de morada do tocador de baixo é pequenina, miseravel; e elle, pelo menos assim se expressava, só trabalha, só toca nos bailes com o fim de obter dinheiro para o aluguel daquella, para de longe em longe matar um trago da *bôa* e por comprar o indumento, aliás modestissimo.

Era rara a noite durante a qual não houvesse onde tanger o apreciado baixo acompanhando a orchestra de sopro, e de lá, da casa onde fôsse prestar os seus serviços, trazia mantimento de bôcca para si e para o *mutuca*. Desta maneira, quando o convidavam a tocar num baile, perguntava então, levantando a voz:

— E' de defunto ou de anjo?

Si lhe respondiam ser de anjo, rematava em seguida:

— Ora! Você logo não vê que não vou tocar em baile de anjo! Vá procurar outro!

Baile de defunto é aquelle em cuja mesa se vê estendido um gordo leitão e onde não falham nunca o perú recheado com farofia, meia duzia de gallinhas assadas, o grande prato de travessa com o arroz de forno e outras comidas mais; baile de anjo é aquelle em que se apresenta apenas a mesa de chá com bolinhos, biscoutos, *cousinhas que não dão para encher a pança*, consoante a phrase textual do musico, verbalmente muitas vezes repetidas. Por isso, elle, que vivia á custa dos bailes, não perdia tempo em ir tocar em baile de anjo.

Depois das danças, depois de todos ceiarem á larga, depois de tudo, vem a mesa dos musicos, mas ainda bem farta; e Maia Bucho, á proporção que come escandalosamente, vae tambem enchendo o baixo. Adapta o instrumento de modo a deitar dentro deste

UM ARTISTA

(Conclusão)

um pouco de tudo que se acha na mesa. Por fim, pega uma gallinha assada e colloca-a na bocca do baixo, por cima de tudo. E' a *boia* para o dia seguinte e subsequentes, até apparecer novo baile de defunto!

Certa vez, Maia Bucho já tem enchido o baixo, e dizem os musicos que vão *dar o fóra*, quando algumas pessôas pedem, rogam seja tocado um tango choroso por despedida.

Accede a orchestra e executa o tango, mas o baixo não a acompanha. De balde Maia faz força, crescem-lhe as bochechas quasi a estourar... E naquelle esforço sobrehumano, sem conseguir tirar uma nota do instrumento, subito pula uma gallinha assada de dentro do baixo!

Riem todos os presentes, e o musico apanha a ave do chão, colloca-a de novo na bocca do instrumento e diz com pausas:

— Não me lembrava que o baixo já estava cheio. Qual! Hoje é um caso perdido...

Com o instrumento no hombro, sem o inclinar para não cair a provisão, sobraça uma garrafa de vinho e vae-se embora.

*

Certa vez, á hora da ceia, velho contador de anecdotas, a um canto da casa, incidentemente se refere ao padre Cicero Romão Baptista.

Em thaumaturgia neste vasto Brasil, ninguem, na sua opinião, se põe em confronto com aquelle sacerdote.

Quando resolveram os moradores de Joazeiro convidál-o para o logar de capellão, acceitou o convite, mais visando os serviços da egreja que o dinheiro, para elle inutil.

Naquelle tempo, teria o povoado de oitenta a cem casas.

Reedificou a antiga capella, tornando-a egreja magnifica, onde diariamente celebrava o incruento sacrificio da Lei da Graça.

Com a reedificação do templo e o episodio de Maria de Araujo, de quem era director espiritual — caso por hypothese miraculoso, d'antes propalado ás occultas, o qual correra de bocca em bocca no Ceará e depois em todo o Brasil através do telegrapho e da imprensa indigena — visivelmente o povoado ia para deante. Augmenta de modo notavel o numero de romeiros cheios da fé christã, os quaes vinham de longe presenciar o milagre; povôa-se Joazeiro com fervorosa celebridade.

A mãe do reverendo era conhecida por um appellido, e elle tambem lhe chamava Sinhá Quinô.

Na infancia affirmava Cicero não gostar do sexo fragil e repetia, quando por brinco se lhe dava alguma namoradinha:

"Mulher... só Sinhá Quinô!"

Isso em roda de amigas contando a lendaria velhinha, accrescentava sempre: ao nascer tivéra elle os olhos fechados, motivo pelo qual uma cigana prophetizara que o recem-nascido seria padre. E era com immensa alegria que ella, cheia de infinita doçura e de encantadora simplicidade, se recordava da prophecia.

Terminado este ultimo episodio acêrca do thaumaturgo brasileiro, e pensando que o musico jamais gostára de mulheres, vira-se o contador de anecdotas para esse que o ouvia com muita attenção:

— Nunca amaste, Maia Bucho?

— Uma vezinha só, para nunca mais cair noutra...

— Foste infeliz?

— Vae amolar outro, ó largo! Tenho mais que fazer...

Aliás era habito seu: quando o saudava alguem, correspondia elle — *ó largo!* — sem que se descobrisse o significado desse tratamento.

— Agora te digo, rematou: dizem que toco baixo, dormindo; e dizem mais: é quando toco melhor... Bestalhões! Si fecho os olhos, é para não ver...

— Que te desagrada?

— Nada...

— A dança tem a propriedade de irritar-te?

— Não... Não me offende nem me aggrava. Tenho uma saudade...

— Estás ficando velho, Maia Bucho!

— Não me amoles, ó largo! Sabes?

Levantou-se de onde estava e, com uma pontinha de despeito, afastou-se dali.

O caso é: nos bailes encontrava sempre a mulher que, em mocinha e sem muito reflectir acêrca da idade e posição social de ambos, lhe concedêra alguns olhares, alguma attenção; emtanto, era agora a senhora de senhor importante da localidade, que já se não lembrava das travessuras de outr'ora e lhe passava perto e tão indifferente, como si passasse perto de um trapo.

Fortuna não lhe caíra ás mãos assim, como contava elle. Viu-o certa vez ao collo da encantadora senhora e roubou-o pelo consolo de ao menos ter junto a si um ente que fôra afagado pelas mãos gentis da sua adorada.

E era ainda vislumbrando tenue raio de esperança, ao de léve a perturbar-lhe o animo, que ás vezes em casa segurava o instrumento predilecto, fechava os olhos e delle tirava notas surprehendentes.

Revelando o mais perfeito máu gosto artistico, muitos passantes paravam á porta do musico a apreciar-lhe a habilidade; e acêrca da arte musical tinha cada um, a seu modo, favoravel opinião muito ajustada ao tocador de baixo.

Somente quem ama, somente quem soffre, póde nas artes captivar os sentidos de outrem; por isso, de alguma fórma, o senhor Maia Bucho tinha que ser um artista...

A FIRMA DOS QUATRO

Por CONAN DOYLE **(SHERLOCK-HOLMES)**

(Continuação do numero anterior)

tini. Sente-se com coragem de apanhar uma estafa de seis milhas, Watson?

— E mais que fosse, respondi.

— A sua perna poderá com isso?

— Não ha de haver novidade.

— Aqui, Toby! Cheira, Toby! Chegou o lenço embebido em alcatrão ao focinho do animal, emquanto este, com as pernas muito hirtas, escanchadas, e um geito de cabeça, de um comico irresistivel, parecia um entendedor a haurir o perfume de um vinho de nomeada. Em seguida, atirou para longe o lenço, amarrou uma corda rija á coleira do bicho e levou-o á trela até á barrica.

O cão começou desde logo a soltar uns uivos muito tremidos, com o focinho no chão e a cauda no ar, e disparou por ali fóra a seguir o rastro, esticando a trela, a ponto que nos vemos gregos para o acompanhar.

Para a banda do nascente o céo ia principiando a aclarar, e uma luz frouxa, livida, permittia divisar os objectos a uma certa distancia. Por detraz de nós, sinistro e inhospito, surgiu o immenso pardieiro com as janellas ás escuras, e as paredes denegridas. Passamos através do jardim, galgando as covas e canteiros que o entrecortavam. Com aquelles montões de terra revolvida, e as plantas mal tratadas, era triste e agourento o aspecto de semelhante chavascal, e em perfeita harmonia com a tragedia, de que havia sido scenario.

Ao alcançar o muro de vedação, desfechou numa corrida, a ganir, marginando-o, até que parou a uma esquina ensombrada por uma faia nova.

No cotovello do muro, havia uns tijolos arrancados, e os buracos estavam gastos e boleados na parte inferior, como se tivessem sido aproveitados mais de uma vez á feição de escada. Holmes trepou por alli acima, e, recebendo o cão que eu lhe icei, arremessou-o para o lado opposto.

— Cá estão signaes da mão do individuo da perna de pau, observou, emquanto eu subia a par delle. Repare nestas leves dedadas de sangue ali, na cal. Que pechincha não ter cahido chuva grossa desde hontem! O cheiro não se haverá ainda evaporado da estrada, apesar das vinte e oito horas de vantagem que elles nos levam.

Confesso que me assaltaram duvidas, ao lembrarmo do immenso transito que se haveria effectuado pela estrada de Londres naquelle intervallo. E, todavia, não tardaram a debellar-se os meus receios. Toby não hesitou sequer e ladeou, a trotar por ali fóra, com aquelle seu gingar tão especial.

O activo fartum do alcatrão, manifestamente, sobrepujava a toda e qualquer outra emanação no ambiente.

— Não se persuada, Watson, declarou Holmes, de que o exito deste caso esteja dependente, para mim, de mero acaso de haver um destes patifes atolado o pé naquella substancia chimica. Disponho de dados que me habilitam a seguir-lhes o rastro de varios modos e maneiras. Este, comtudo, é o mais rapido, e desde que a sorte nol-o poz nas mãos, seria um crime desprezal-o. Não obstante, impediu o caso de vir a dar num problemazinho intellectual como, a principio, promettia. Era questão para augmentar os creditos a qualquer, se não se tivesse intromettido este fio conductor tão palpavel.

— Com respeito a credito, não terá razão de queixa, observei. E eu, Holmes, affirmo-lhe que me assombram os meios por que você obtem os seus resultados no presente caso, muito mais, ainda, do que os de que se valeu naquelle caso do assassinato de Jefferson Hope. Os incidentes antolham-se-nos a meu ver muito mais obscuros e inexplicaveis. Como é, por exemplo, que você póde descrever com tamanha confiança o individuo da perna de pau?

— Ora adeus, meu caro amigo! Simples como as coisas simples! Não armo a effeitos theatraes. E' tudo claro como agua. Dois officiaes commandando um presidio de degredados vêm a inteirar-se de um segredo importante a respeito de um thesouro enterrado. Mandam fazer uma planta a um inglez, por nome Jonathan Small. Deve estar lembrado de termos visto esse nome naquella planta que se achava em poder do capitão Morstan. Firmara-o com o seu nome em proveito proprio e dos seus consocios — a firma dos quatro, como elle o designou, com phantasia algo dramatica. Com o auxilio da mesma planta, os officiaes... ou um delles, pelo menos, alcançam o thesouro e trazem-no comsigo para Inglaterra, deixando por cumprir, supponhamos, algumas das condições sob as quaes o receberam. E agora, diga lá por que foi que Jonathan Small não se alapardou com o thesouro. E' obvia a resposta. A planta é datada de uma época em que Morstan se achava em contacto perenne com degredados. Jonathan Small não se apoderou do thesouro porque os seus consocios eram tambem degredados e não podiam fugir.

— Tudo isso, comtudo, não passa de mera conjectura, adverti.

— E' mais alguma coisa, se me dá licença. Representa a unica hypothese justificada pelos factos. Vejamos se quadra ou não com a série dos mesmos. O major Sholto não dá signal de si, durante annos, feliz e contente com a posse do seu thesouro. Eis senão quando recebe uma carta da India, que o deixa assustado a mais não poder ser. Que foi, então?

— Uma carta a participar-lhe que os individuos a quem elle tinha prejudicado haviam sido soltos.

— Ou se tinham escapulido, o que é muito mais provavel, pois que o major não podia ignorar por quanto tempo tinham de cumprir a sentença. Não é admissivel que o facto o apanhasse de surpreza. Que faz elle então? Acautela-se de um homem com uma perna de pau — de raça branca, advirto, visto que o confunde com um bufarinheiro europeu, contra o qual dispara uma pistola. Ora, a planta apresenta apenas o nome de um homem de raça branca-

(Continúa na pag. 62)

PARA
CREANÇAS
DIARRHÉAS VOMITOS ?
CAZEON
ALIMENTO MEDICAMENTO
DYSPEPSIAS INAPPETENCIA ?
PEPSIL
FERMENTOS VITAMINOSOS
SYPHILIS
LACTARGYL
MERCURIO - VITAMINAS
EMAGRECIMENTO CREANÇAS E ADULTOS ?
CAZEOMALTE
SUPER - ALIMENTO
VERMES ?
LACTOVERMIL
FRAQUEZA MAGREZA ?
TONICO INFANTIL
FORMULA COMPLETA
RACHITISMO
NEO-AMINAZIN
CALCIO-VITAMINOSO
FARINHA PHOSPHATADA ?
NUTRAMINA
VITAMINOSA
FARINHAS DEXTRINISADAS ?
CREME INFANTIL
12 VARIEDADES
Trazem nos rotulos as respectivas formulas
A' venda nas bôas pharmacias e drogarias
Lab. Nutrotherapico
DR. RAUL LEITE & C.IA - RIO

REMEDIOS DE
VALOR
DOR GRIPPE RESFRIADOS ?
GUARAINA
ENVELOPPES E TUBOS
OPILAÇÃO
OPILINA
GUARANIL
SABOROSO
SYPHILIS BOUBAS ?
TREPARGYL
MALEITAS PALUDISMO ?
MALEIZIN
COMPRIMIDOS E AMPOLAS
PURGATIVO LAXANTE ENERGICO ?
PURGOLEITE
TUBOS E ENVELOPPES
CONSTIPANTE ANTIDIARRHEICO ?
TANOLEITE
COMPRIMIDOS
TOSSE BRONCHITE COQUELUCHE ?
HUSTENIL
GOTTAS E XAROPE
ARTERIOSCLEROSE VELHICE CORAÇÃO ?
IODALB
GOTTAS
Trazem nos rotulos as respectivas formulas
A venda nas bôas pharmacias e drogarias
Lab. Nutrotherapico
DR. RAUL LEITE & C.IA - RIO

Os outros ou são indios ou mahometanos. Homem branco não ha mais nenhum. Podemos, portanto, avançar com plena confiança a asserção de que o homem da perna de pau e Jonathan Small são uma e a mesma pessôa. Encontra algum ponto fraco neste meu raciocinio?

— Nenhum, absolutamente. E' claro e conciso.

— Ora, bem, colloquemo-nos agora no logar de Jonathan Small. Observemos a coisa desde este ponto de vista. Veiu a Inglaterra com o duplo intuito de rehaver aquillo que elle considera como seu e de vingar do homem que o defraudou. Desencanta o paradeiro do Sholto, e é possivel haver estabelecido communicação com alguem de portas a dentro. Temos o mordomo, por exemplo, o tal Lal Rão, a quem não vimos. Mistress Bernstone, porém, está longe de lhe fazer bôas ausencias. O Small, com certeza que não pode ter encontrado o thesouro, pois ninguem lhe sabia da existencia, á excepção do major e de um creado fiel já fallecido. De subito, eis que chega aos ouvidos do Small o achar-se o major prestes a expirar. Desorientado com a idéa de que podia morrer com elle o segredo do esconderijo, illude a vigilancia do pessoal da casa, trepa á janella do quarto do moribundo, e apenas desiste de entrar attendendo á presença de dois filhos deste. Cego de rancor, porém, contra o defunto, insinua-se no quarto, naquella noite ainda, rebusca-lhe a papelada intima na esperança de descobrir qualquer apontamento, relativo ao thesouro, e, em conclusão, deixa uma lembrança da sua visita, naquelle breve escripto, deposto sobre o seio do cadaver. O acto haveria sido planeado de antemão, pois, dado o caso de elle matar o major, queria deixar sobre o corpo da victima uma recordação como signal de que não fôra um assassinato vulgar, mas sim, no ponto de vista dos quatro associados, um acto de justiça. Alvitres esquisitos e caprichosos daquelle teor são frequentes até nos annaes do crime, e costumam ministrar valiosos indicios com respeito ao criminoso.

— Clarissimo.

— E agora, qual podia ter sido o modo de proceder de Jonathan Small? Continuar a exercer vigilancia, em segredo, no tocante aos esforços empregados afim de desencantar o thesouro. E' possivel o haver-se ausentado de Inglaterra, voltando uma vez por outra. Dá-se, então, a descoberta da agua-furtada, e é desde logo informado. Volta a surgir-nos aqui a presença de um confederado qualquer de portas a dentro. O Jonathan, com a sua perna de pau, acha-se impossibilitado em absoluto de trepar ao sotão da casa de Bartholomeu Sholto. E todavia, leva comsigo um socio, entidade curiosa, na verdade, que vence a difficuldade, mas que atola o pé descalço no alcatrão, e, para remate da festa, o Toby, e uma corrida a pé a que se obriga a um official a meio soldo com um tendão de Achilles avariado.

— Mas se foi o socio e não o Jonathan, quem perpetrou o crime!

— Não ha duvida. E com summo desgosto por parte do Jonathan, a julgarmos pelo muito que sapateou, assim que deu entrada no quarto. Não tinha motivos de rancor contra a pessôa de Bartholomeu Sholto, e, por sua vontade, antes quizera havel-o manietado e amordaçado. Não o seduzia de modo nenhum a perspectiva de uma corda a afagar-lhe a garganta. E dahi, já não havia remedio: os instinctos selvaticos do companheiro tinham prorompido e o veneno completado a sua obra. Nesta conformidade, Jonathan Small deixou o seu memorandum, arriou o cofre do thesouro para o jardim, e seguiu atraz delle. Eis aqui a sequencia dos factos, taes quaes eu consigo decifral-os. Excusado é dizer que, no tocante ao seu aspecto pessoal, deve ter attingido a edade mediana, e, tendo cumprido o seu tempo naquelle forno das ilhas Andamans, não deixará de se achar tisnado do sol. A estatura é facil de calcular pelo comprimento do passo, e sabemos que é barbado. O seu aspecto hirsuto foi o ponto que mais impressionou o nosso amigo Thadeu Sholto, quando o bispou á janella. E não sei de mais coisa nenhuma.

— E o socio?

— Ora, quanto a esse mysterio não é uma coisa tão difficil. Mas descance, que não tarda muito em saber o sufficiente a semelhante respeito. Como é agradavel este frescor da madrugada! Repare naquella nuvenzinha a pairar como uma pluma côr de rosa solta da aza de uma garça gigantesca. E lá surge o disco escarlate do sol por entre o nevoeiro cerrado de Londres. Dardeja os seus raios sobre muitos individuos, mas aposto que não haverá um unico que tenha entre mãos uma empreitada mais estravagante do que esta em que ambos andamos empenhados. A que ponto nos sentimos pequenos com as nossas ambições mesquinhas e os nossos esforços de pigmeus em presença das potentes forças elementares da Natureza! Você lembrar-se-á ainda do seu João Paulo Richter?

— Menos mal. Li-lhe as obras em seguida ás de Carlyle.

— O que equivale a ter subido pelo rio até ao lago donde dimana. Pois bem! Richter faz uma observação tão curiosa quanto profunda. Affirma elle que a prova mais frisante da verdadeira grandeza do homem é a percepção da propria pequenez. Conforme vê, implica um poder de comparação e apreciação que representa na propria essencia uma prova de nobreza. O pensamento encontra campo vasto nas obras de Richter. Você não traria comsigo pistola ou coisa que o valha?

— Tenho apenas a bengala.

— E' possivel que venhamos a precisar de qualquer coisa desse genero, se toparmos com o covil-

(Continúa na pag. 64)

PREÇOS
DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre ...... 25$000
Venda avulsa
em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA
Redactor-Chefe: Gustavo Barrozo — Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPREZA
FON-FON e SELECTA
S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.
Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE
CONTRA
A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE
DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
DIABETES DOENÇA DE BRIGHT

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES
AMERICAN APOTHECARIES COMPANY, NEW YORK

FAZENDA NA CIDADE NO SERTÃO

Tanto no trabalho como em ...cansο; em passeios como nos ...sportos; ha muitos perigos por ...lta de cuidados. Qualquer feri...ento, estrepada, golpe, picada, ...enosa, contusão, póde causar ...enças graves, a invalidez, a ...orte.

Contra esses perigos e contra ...enças da pelle, mesmo antigas, ...eiras, empigens, eczemas, ácido ...ico, etc., sómente DERMOL tem ...feitos seguros, immediatos.

Uso pratico e economico.

Toda a gente que se presa us... tem DERMOL sempre á mão.

Até as creanças, quando se ...chucam, pedem DERMOL ás ...mãs.

Compre hoje, ou escreva: Caixa ...8, Dr. DERMOL, Rio de Janeiro

---

Prisão de ventre

Purifique o seu sangue restaure o seu intestino

desintoxique-se

com o

um comprimido é o sufficiente

Etabl^ts CHATELAIN, Fornecedores dos Hospitaes de Paris, 2, rue de Valenciennes Paris, e em todas as Pharmacias
Depositarios exclusivos no Brasil: Antonio J. Ferreira et Cia — Caixa postal 624

DAME FRANÇAISE

ENSEIGNE SON IDIOME AU DOMICILE DES ÉLÈVES AVEC METHODE FACILE ET RAPIDE.

Rua Visconde Pirajá 260 - sobrado
TEL. 7-2407

O Rei Amoroso

é o romance semanal de
MICHEL ZEVACO

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES DO DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz. Innumeros attestados provam exhuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Deposito Geral ARAUJO FREITAS & C. — RIO DE JANEIRO

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias

Lá quanto ao Jonathan, entrego-o ás suas mãos, mas se o outro se fizer fino, prego-lhe um tiro.

Sacou do revolver, metteu-lhe dous cartuchos e tornou a guardal-o no bolso do jaquetão.

Durante este lapso de tempo, tinhamos seguido na trela de Toby pela estrada que dá accesso para a Metropole, por entre uma dupla fila de residencias semi-campestres. Agora, porém, principiavamos a engolfar-nos em ruas continuas, onde se achavam já a pé os operarios e o pessoal das docas, e umas mulheres esguedelhadas abriam os postigos e varriam os patins das escadas. Nas lojas de bebidas das esquinas, iam já affluindo os freguezes, entravam e sahiam individuos mal trajados, a limparem a barba com a manga em seguida á matinal golada.

Uns cães esquisitos a vagarem pela calçada e a olharem para nós, espantadados, e o nosso inimitavel Toby sem olhar sequer para a esquerda ou para a direita, a trotar para a frente de nariz rente ao chão, e soltando um ganido ansioso de quando em quando, symptoma de ir farejando um rastro ainda morno.

Haviamos galgado Streatham, Brixton, Camberwel, e agora encontravamo-nos em Kensington-Lane, havendo cortado por travessas para leste do Oval. Os homens que nós iamos perseguindo parecia haverem levado uma rota sing ~mente complicada, com o fito evidente de se esquivarem a dar nas vistas. Sempre que viam na frente uma vereda transversal evitavam o caminho direito. No extremo da azinhaga de Kensington, tinham cortado á esquerda, enfiando por Bond Street e Miles Street. No ponto em que esta ultima rua volta para o largo de Knight, o Toby cessou de andar para deante, começou a correr para traz e para a frente com uma orelha arrebitada e a outra cahida, a verdadeira effigie da indecisão canina. Depois, desandou num corropio de vira-voltas, a olhar para nós de vez em quando, como que a pedir que lhe valessem naquella sua atrapalhação.

— Que demonio terá o cão? resmungou Holmes. Com certeza que não se terão mettido num carro ou subido em algum balão.

— E' possivel haverem-se detido aqui algum temp

— Ah! Tornou a orientar-se e elle ahi vae, excl mou o meu companheiro, como que alliviado um peso.

E lá ia, effectivamente, pois farejando em red pareceu tomar um alvitre, e desembestou por fóra com uma energia e uma determinação, de q não havia dado mostras até alli. Acharia o rast agora mais quente, pelos modos, pois nem siquer já de nariz no chão, antes aos puxões á tre como se quizesse augmentar de velocidade.

Pelo fulgor dos olhos de Holmes, percebi que co siderava proximo o termo da jornada.

A nossa derrota seguia agora pelos Nove A mos, até que alcançamos Broderick e a vasta tancia de madeiras de Nelson, logo adeante taberna da Aguia Branca. Alli chegado, o anim desatinado pela excitação, torceu caminho, enf pelo portão lateral internando-se no cercado, onde achavam já na faina os serradores. Foi galga por alli fóra através de serradura e montes de a ras, tornenado um passadiço, por entre dous mon de madeira, e finalmente, com um uivo triumphan pulou para cima de uma barrica que se acha ainda em cima do carro de mão em que fóra tra especado na vasilha, olhava, para nós, de qua pertada. Com a lingua de fóra, e olhos coruscant em quando, como que a solicitar um signal approvação.

As aduelas da barrica e as rodas do carro es vam besuntadas com um liquido escuro e o ambien carregado do cheiro de alcatrão.

Sherlock Holmes e eu olhamos um para o ou com expressão de espanto, e incontinente, ambos mesmo tempo, desatamos numa irresistivel ga galhada.

A seguir, do mesmo autor:

Carlos Augusto Milverton

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

E' o expoente maximo dos preços minimos

A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

…$000 — ULTRA modernissimos …nos sapatos em superior e fina …llica envernizada, preta, com lin… …a fivella da mesma pellica, forra… …os de pellica branca, salto Mexica… …o. Proprios para mocinhas. — De ns. 32 a 40.

…$000 — O mesmo modelo em cô…es: beige, marron ou beige escuro, …om o mesmo salto — De ns. 32 a 40.

30$000 — RIGOR DA MODA

…ndos e modernos sapatos em fina …llica envernizada, preta, com lin… …o debrum de couro magis e lindo …ço, debruado, proprios para moci…nhas, por ser salto Mexicano. De ns. 32 a 40.

…$000 — O mesmo modelo e sal…to, em pellica beige ou marron. …e ns. 32 a 40.

…$000 — Ultra modernissimos e …nos sapatos em fina e superior …llica envernizada, preta, forrados …e pellica cinza, salto Cavalier, Mexicano — De ns. 32 a 40.

Porte — 2$500.

Chics alpercatas de pellica enver…izada, preta, com vistas de pellica …ranca, toda forrada.

…e ns. 17 a 26.......	9$000
…e ns. 27 a 32.......	11$000
…e ns. 33 a 40.......	13$000

Em naco beige e vistas marron, …ais 1$000. Porte, 1$500 em par.

Catalogos gratis, pedidos a

…ULIO DE SOUZA

AVENIDA PASSOS, N. 120

Rio — Telephone 4 - 4424

GLOBÉOL

Etablissements Chatelain, 18 Grandes Premios. Fornecedores dos Hospitaes de Paris
2, rue de Valenciennes, Paris, e em todas as Pharmacias

Depositarios exclusivos: ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Uruguayana, N.º 27

O Rei Amoroso

é o romance de MICHEL ZEVACO agora reeditado

JUVENTUDE ALEXANDRE

Trinta annos de successo são o melhor reclame para preferir **JUVENTUDE ALEXANDRE** para tratar e embellezar os cabellos. Extingue a caspa, cessa a quéda dos cabellos, evitando a calvicie. Faz voltar á côr natural os cabellos brancos, dando-lhes vigor e mocidade. Não contém saes de prata e usa-se como loção.

[illegible]
[illegible]

Dep. "Casa Alexandre"
Ouvidor, 148 - Rio

SE V. S. DIGERE DIFFICILMENTE

tome meia colher de café de Magnesia Bisurada num pouco de agua depois das suas refeições. A Magnesia Bisurada, este anti-acido tão famoso, neutraliza rapidamente o excesso de acidez que tão frequentemente é a causa de uma digestão difficil. Uma abundancia de acido póde occasionar a fermentação dos alimentos que permanecem como chumbo no estomago e provocam algumas vezes dôres atrozes. A inflammação das mucosas que resulta é calmada pela Magnesia Bisurada, o estomago toma o seu estado normal, e a digestão se faz facilmente e sem dôr. A Magnesia Bisurada que é inoffensiva e facil de tomar, se acha em todas as pharmacias, em pó ou em pastilhas.

Versos

Passa um trem

De Francisco Monterde y Garcia Icazbalceta

Passa, longe, silvando
u'a machina ao amanhecer...

Entre os viajantes,
que olham pela janella,
se desdobra o panorama
das perspectivas,
os campos quadriculados,
as collinas banhadas de sol.

Os bosques... os barrancos... os tuneis...

Lança, a machina,
um murmurio largo...
E o eco vae rodando, distanciando-se
por entre os montes enevoados.

Silvando
passa
ao
longe
uma machina
ao amanhecer...

Esdras-Farias

Ultima Carta

"Meu caro amigo.
— Assim tinha de ser:
Um dia, um de nós seguir adeante...
Quem déra fosses tu!
Ai! neste instante,
Eu padeço uma angustia allucinante:
— A dôr que vaes soffrer!

Do muito que te quiz, faze o perdão;
Do muito que me queres, faze a pena.
Foi grande o amor, sublime a exaltação,
E eu tão fragil, tão só... e eu tão pequena...
— Deus sabe como tenho o coração!

Tinha de ser assim...
— Um dia,
Sendo o amor coisa instavel, transitoria,
Um de nós fatalmente cansaria...
Menos feliz que tu, mal presentia
Me coubesse encerrar a nossa historia...

POST SCRIPTUM:
— Com a mesma lealdade
Que fez da nossa vida um encantamento,
Confesso que me punge atroz saudade...
E' que um segundo de felicidade
Só se alcança com muito soffrimento..."

Relendo a sua carta, o seu queixume,
Fico a pensar, com infinita dôr,
Que a vida em nada se resume:
Tem a rosa um minuto de perfume,
Tem a mulher um dia só de amor...

Euripedes Ribeiro

Trevo de quatro folhas

Naufragando no horror de um barathro profundo,
Eu, doido, navegava, incerto, em desalinho,
Cheio do odio e do mal de um povo sem carinho!...
— Mas, tudo, de repente, esvae-se neste mundo,

E a tudo serve o Amor de balsamo e Chimera!...
Um dia, achei um anjo!... E, achando-o, embevecido,
Pela primeira vez, na flor da primavera,
O amei de coração!... Mas fui incomprehendido!...

Depois!... Depois chegaste; e agora, que me deste,
Como um beijo de sol a verdadeira Vida,
Só me lembro da luz que o teu olhar me lança!...

Como hei de me lembrar do que se foi, querida,
Si, rosea, tenho em mãos, qual dadiva celeste,
Tu'alma verde-mar, da côr de uma esperança?!

José Freitas Couto de Magalhães Netto

(Do livro "Evangelho do Amor", inedito).

POMADA ADRENO STYPTICA MIDY

SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS MIDY

Distribuidores Geraes:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. — S. Bento, 35 — S. Paulo.